

PERNAMBUCO

PEDRO MELO



O INVENTOR DA INFÂNCIA

Mauricio de Sousa descreve os elementos
formadores do ideário que sustenta sua obra

GALERIA



FÁBIO JOSÉ/ COLETIVO ROLÊ

“Essa foto foi tirada no susto, sem ver direito, com uma camerazinha de 3.2 megapixel, numa madrugada de 2006 na Rua Augusta. Há uns oito anos, o Rolê faz saídas fotográficas durante a noite. Já percorremos muitos pontos da cidade de São Paulo, tanto pelo centro como em ruas de bairros mais afastados. Geralmente fotografando e filmando em lugares vazios, fora da movimentação do dia, sem a pressa cotidiana. Quase sempre num contexto contrário ao que essa foto foi feita. Descíamos a Augusta, da Paulista para a Martins Fontes, em direção ao centro. Ponto em que ficam os bares, os clubes e as casas de massagem. Um lugar cheio e barulhento, principalmente na madrugada. Onde, entre muitas coisas, as prostitutas defendem um qualquer se exibindo nas calçadas.”
http://www.rol.art.br/home/
http://vimeo.com/dirtytalk

CARTA DO EDITOR

Boas lembranças da infância são, possivelmente, o item mais precioso da memória humana. Elas ajudam a firmar o alicerce da personalidade, do comportamento e do sentimento do homem na fase adulta. Em maior ou menor grau, cada um de nós guarda suas recordações dos tempos de menino, e a leitura de gibis certamente está entre elas - no caso dos brasileiros, a leitura dos da Turma da Mônica figura nessas reminiscências. O traço espesso e firme que dá vida aos corpos arredondados e aos olhos alegres e ingênuos da Dentuça e seus fiéis amigos Cebolinha, Cascão e Magali está marcado no imaginário popular nacional- e até daqueles que não tiveram a oportunidade de se divertir com as historinhas de Mauricio de Sousa. A HQ, que completa cinco décadas de existência, passa por novos desafios e, para homenagear essa façanha, o Pernambuco publica reportagem da jornalista Carol Almeida foi em busca do criador dos personagens infantis para desvendar o que há por trás do sucesso dessa marca que, no Brasil, ultrapassa as vendagens das HQs de uma certa Disney.
Ainda nesta edição, o leitor vai encontrar um ensaio sobre o legado do poeta-engenheiro Joaquim Cardozo, que teve sua obra completa lançada em livro pelas editoras Nova Aguilar e Massangana. Com organização do poeta Everardo Norões, Joaquim

Cardozo - Poesia completa e prosa traz em suas 700 páginas contos, críticas, discursos, poemas e ensaios do pernambucano que ajudou a construir Brasília e que é um dos maiores intelectuais brasileiros do século 20. O jornalista Thiago Corrêa, autor do texto, também publica uma crônica sua, A duração do sorriso, na seção de inéditos.
Outro ensaio no Pernambuco aborda a obra de Jonathan Franzen. O escritor Antonio Xerxenesky analisa como o americano que escreveu As correções (2001), de trama complexa e criativa, resvala para a literatura fácil de Liberdade. O livro virou best-seller nos Estados Unidos, estando na cabeceira de gente como Barack Obama e a apresentadora de TV Oprah Winfrey, que até fez um programa sobre o “grande romance americano do século 21”.
Ainda publicamos uma resenha do jornalista Paulo Floro sobre o lançamento tardio de El eternauta, clássico da HQ argentina, de autoria de Hector Oesterheld, uma das vozes contra a ditadura militar na América Latina e um de seus mártires.
DANIEL LIMA
Atendendo à vontade do poeta Daniel Lima, não publicaremos a continuação da matéria sobre o lançamento de seus poemas, ao contrário do que fora anunciado na edição de maio (nº 63).

PERNAMBUCO

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO
Governador
Eduardo Campos
Secretário da Casa Civil
Francisco Tadeu Barbosa de Alencar
COMPANHIA EDITORA DE PERNAMBUCO - CEPE
Presidente
Leda Alves
Diretor de Produção e Edição
Ricardo Melo
Diretor Administrativo e Financeiro
Bráulio Menezes
CONSELHO EDITORIAL
Everardo Norões (presidente)
Antônio Portela
Lourival Holanda
Nelly Medeiros de Carvalho
Pedro Américo de Farias

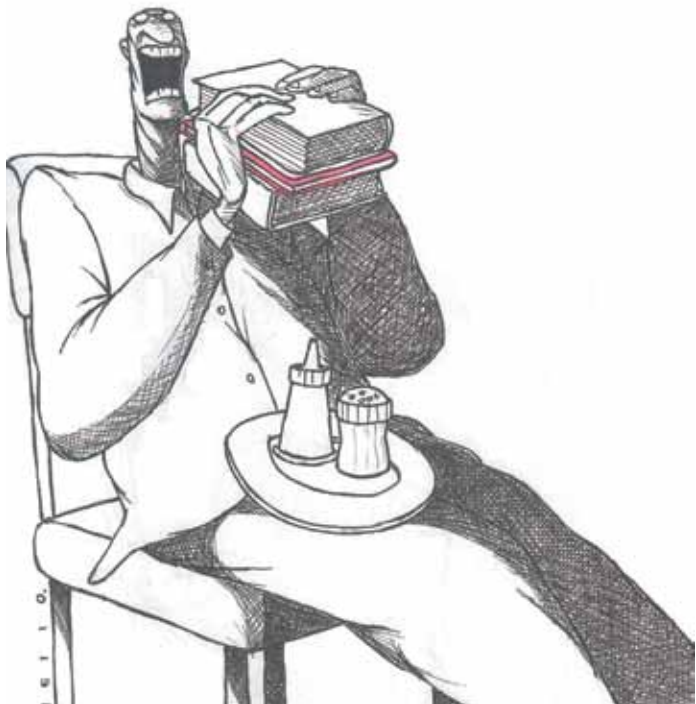
SUPERINTENDENTE DE EDIÇÃO
Adriana Dória Matos
SUPERINTENDENTE DE CRIAÇÃO
Luiz Arrais
EDIÇÃO
Débora Nascimento (interina), Raimundo Carrero e Schneider Carpeggiani
REDAÇÃO
Mariza Pontes e Marco Polo
ARTE, FOTOGRAFIA E REVISÃO
Gilson Oliveira, Hallina Beltrão, Karina Freitas, Militão Marques e Sebastião Corrêa
PRODUÇÃO GRÁFICA
Eliseu Souza, Joselma Firmino, Júlio Gonçalves, Roberto Bandeira e Sóstenes Fernandes
MARKETING E PUBLICIDADE
Alexandre Monteiro, Armando Lemos e Rosana Galvão
COMERCIAL E CIRCULAÇÃO
Gilberto Silva
Cepe EDITORA
PERNAMBUCO é uma publicação da Companhia Editora de Pernambuco - CEPE
Rua Coelho Leite, 530 - Santo Amaro - Recife
CEP: 50100-140
Contatos com a Redação
3183.2787 | redacao@suplementope.com.br

BASTIDORES

Um fogo em silêncio e suas possibilidades

Autora revela como um pequeno incidente em sua casa foi o estopim para escrever o romance *Carvão animal*, que teve pesquisas técnicas como alicerce

CARTUNS
SILVANO MELLO
[HTTP://MELLOCARTUNISTA.BLOGSPOT.COM/](http://mellocartunista.blogspot.com/)



SANDOKAN XAVIER/DIVULGAÇÃO



Ana Paula Maia

Certa noite, a lâmpada do meu quarto queimou e decidi esperar até o dia seguinte para pegar a escada do condomínio do prédio e trocá-la. O jeito foi deixar uma vela acesa no quarto e apagá-la só quando eu fosse dormir. Então, no início da noite, com o meu quarto em penumbra, fui ler deitada no sofá da sala. Adormeci. Acordei um tempo depois. Quinze, vinte minutos...nunca soube. Me levantei e fui sonolenta até o quarto, talvez para apanhar alguma coisa... mas o que vi me aterrorizou: a prateleira onde estava a vela havia incendiado e o fogo deslizava numa poça de cera derretida.

Corri até o banheiro, enchi um balde com água e joguei sobre o fogo. Ele estalou e avançou na minha direção. Pensei: “Esse troço tá vivo”. Mas logo morreu. Estava tão assustada que sentia um aperto no pescoço. Voltei para a sala, me sentei no sofá, e pensei que podia ter incendiado tudo. Uma vela derretida, um fogo silencioso e eu poderia ter morrido ou ter causado muito estrago.

Havia uma história iniciada no meu computador, o que seria um romance. Bem, o romance virou um conto e a experiência com o fogo me deu a certeza de que eu deveria concluir a trilogia *A saga dos brutos*. Sempre soube que a trilogia terminaria com uma história sobre o fogo, mas achei que ainda demoraria. Às vezes, a ficção parece cobrar do seu criador sua porção de existência. Não tirava o que aconteceu da minha cabeça. Fui dormir com o quarto cheirando a queimado. Um perfume ardido. Enjoativo. E tudo aquilo me lembrava que o fogo é ardiloso.

“No fim, tudo o que resta são os dentes.”

Essa frase me veio à cabeça, de estalo.

E com ela iniciei o romance *Carvão animal*.

Desde o início, a história se passava numa cidade fictícia, que decidi chamar de Abalurdes. Nada em especial, a não ser a sonoridade do nome. E o cenário era um crematório e, assim, eu podia falar sobre o fogo e sobre a morte. Em seguida, surgiu a ideia do bombeiro Ernesto Wesley. Talvez ele seja atraente em seu uniforme, mas disso eu não sei.

Raramente percebo essa nuance dos meus personagens. Eu os vejo do avesso. E o avesso deles é o que sempre me interessa.

Eu tinha dois irmãos, um cremador de corpos e o outro um bombeiro, ambos dedicados ao trabalho. Ambos lidando com o fogo e a morte. Sobrevivendo deles e a eles.

Comecei a pesquisar artigos sobre crematórios, bombeiros e detalhes técnicos. Isso é importante para mim. Preciso entender com o que estou lidando. Dessa forma, posso imaginar, inventar, *ficcionalizar* de todo o jeito. Afinal, a ficção tem seus pés firmes sobre o real. Só entendendo o real é que se pode ir além, ultrapassar.

Só uma coisa me interessa na arte da escrita: a investigação. Só quero investigar aquilo que me é estranho, que foge ao meu convívio e conhecimento. No momento seguinte, o que me causa repulsa é o que me atrai. O que me gera medo, temor, calafrios, estranheza, isso sim, está na base do que escrevo. Aquilo que escrevo me transforma, pois quando termino um livro, já sou outra pessoa. Tenho outras experiências. Não gosto do lugar comum, de personagens comuns. Desses que se veem a toda hora. O texto precisa me provocar e o tema me confrontar. Quando um texto causa incômodo ou fascínio ou leva o leitor a refletir sobre um novo aspecto, a Literatura cumpre o seu principal papel, que é o de transformação.

Ana Paula Maia, escritora carioca, lançou o romance *O habitante das falhas subterrâneas*, em 2003, e participou de diversas antologias, entre elas, *25 mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira*.

O LIVRO



Carvão animal
Editora Record
Páginas 160
Preço R\$ 29,90

ENSAIO

Barba bem feita e camisa por dentro da calça

Entenda a ascensão do almofadinha perspicaz que é o escritor Jonathan Franzen

Antônio Xerxenesky



H E I O.



O sucesso estrondoso que Jonathan Franzen obteve com seu último romance, *Liberdade* (que está sendo lançado no país pela Companhia das Letras), foi, ao mesmo tempo, previsível e inesperado. Previsível porque Franzen já carregava consigo uma enorme aura de respeito desde seu romance *As correções*, publicado em 2001, e sua nova obra era esperada há anos. Previsível, também, porque o gênero que consagrou Franzen, o romance de costumes, se adequa à perfeição para os temas que ele escolheu trabalhar em *Liberdade*: assuntos atualíssimos, que vão desde a influência da Apple na informática (e nas relações sociais) até o aquecimento global, passando, claro, pelo governo Bush e pelo comportamento dos republicanos e democratas norte-americanos. Por outro lado, quem de fato esperava que *Liberdade* se tornasse um best-seller instantâneo? Que Franzen seria o único escritor a figurar na capa da *Time* na última década? Que seu livro seria lido pelo presidente Barack Obama? E o mais chocante e, por isso mesmo, tema central deste artigo: quem esperava que um livro tão comportado e “correto” seria considerado pela crítica uma das obras mais importantes do século 21?

A Literatura mundial sempre simpatizou com rebeldes. Se não com rebeldes *stricto sensu*, pelo menos com gente esquisita, estranha, obsessiva. Não me refiro apenas à *junkies* como William Burroughs ou a qualquer outro *beatnik*. Falo também do beerrão Faulkner, das confusas e deprimidas Virginia Woolf e Sylvia Plath, da religiosa Flannery O’Connor, do amalucado James Joyce. Ou, para tomar um exemplo mais contemporâneo, pensem em Roberto Bolaño. Apesar da qualidade impressionante de sua obra, parte de seu sucesso de público se deve à imagem construída ao redor dele: poeta exilado,

ladrão de livros, “detetive selvagem”. Agora, por favor, senhor Franzen, pare junto à luz. Vamos tirar uma fotografia.

Camisa para dentro da calça, barba bem feita, óculos de escritor sério. Se uma garota levasse Jonathan Franzen para jantar com a sua família e o apresentasse, “Mamãe, este é meu namorado”, qual mãe não se apaixonaria por Franzen? Ele é ou não o genro perfeito? Educado, elegante, simpático. Um nova-iorquino que tem como *hobby* – atenção – observar pássaros.

Claro, não podemos julgar uma pessoa pela sua imagem (ainda mais uma imagem construída pelas mídias), muito menos a sua obra. A “fotografia” de Franzen está sendo apresentada aqui, para além da ironia, pelo fato de que sua persona de bom moço se conecta diretamente com suas declarações e, em certo sentido, com (aquilo que enxergo como) as limitações de seu último romance.

As correções (2001), o romance anterior de Franzen, passou despercebido pelo público brasileiro, apesar do sucesso no resto do mundo. Ainda assim, conquistou alguns fãs por aqui. Lucas Murtinho, o idealizador da Copa de Literatura Brasileira, por exemplo, considera essa obra um exemplo de romance ambicioso que tenta unir criatividade formal com uma trama complexa e ótimos personagens. Murtinho lamenta que no Brasil seja tão rara a existência de romances desse porte. Obras de fôlego, não focadas em apenas uma coisa (“livro de personagem”, “livro de linguagem”, “livro de enredo” e outros rótulos que às vezes damos aos romances que se especializam em apenas um aspecto). A crítica de Murtinho representa, em certo nível, a espera da crítica pelo novo “grande romance”. O curioso, em se tratando de Jonathan Franzen, é que os críticos

MATHEUS BARBOSA



norte-americanos enxergaram “o grande romance” mais em *Liberdade* do que em *As correções*.

Concordarei com Murtinho: *As correções* une pontas difíceis de ligar. Seu estilo fragmentado, que mescla diversos estilos, se encaixa no que se convencionou chamar de pós-modernismo na Literatura. Um leitor de *As correções* consegue ver ligações entre a prosa de Franzen e a de Jonathan Safran Foer, Nicole Krauss e David Foster Wallace (listando apenas conterrâneos e contemporâneos de Franzen). E, ainda assim, trata-se de um livro profundamente humano, que nunca se perde na verborragia exagerada de um Pynchon (que, muitas vezes, por melhor que seja sua prosa, esquece que está lidando com personagens humanos, com sentimentos e dilemas morais). Enfim: *As correções* capta muito bem o *zeitgeist*, o espírito do seu tempo, na forma e na trama. Mas o *hype* em cima desta obra foi brando, se o compararmos com *Liberdade*. Antes mesmo de chegar às livrarias norte-americanas, *Liberdade* já recebia o carimbo de “o grande romance americano do século 21”. Estava na capa da *Time*, estava no programa da Oprah.

E por que, na opinião deste leitor, *Liberdade* não seria tudo isso? Em primeiro lugar, porque o romance de Franzen representa um retrocesso (na opinião pessoal e intransferível deste leitor) estético na sua carreira. Como o próprio autor disse em entrevista à *Paris Review* (cujas citações daqui são extraídas da tradução publicada na revista *Serrote* #7), falando sobre como hoje em dia não se interessa mais pela sonoridade e pela “aparência” gráfica de suas frases: “Hoje em dia eu tenho uma estética quase oposta – estou interessado na transparência”.

Na minha formação como leitor, um dos maiores aprendizados foi que a linguagem literária nunca é transparente. Ela se vale de sua opacidade para gerar a possibilidade de múltiplas leituras e interpretações. A linguagem sem ambiguidades ou ironias, “transparente”, era adequada para as bulas de remédio e panfletos políticos. Por que Franzen abandonou a mescla de estilos, a inventividade, em prol de uma linguagem clara e límpida? Teria alguma relação com o bom-mocismo de sua imagem? Franzen, na mesma entrevista, falando sobre o início de sua carreira, conta: “Eu era um menino magricela e medroso tentando escrever um grande romance. A máscara que eu assumi foi a de um escritor de meia-idade extremamente esperto, cultíssimo e de retórica incontestável”. Apesar de o autor lembrar esse momento com um tanto de sarcasmo, *Liberdade* é, de certo modo, a culminação desse plano: Franzen se tornou o “escritor de tio” por excelência. Sua prosa perdeu qualquer ímpeto juvenil, repleto de vigor, e se tornou uma prosa transparente, favorecendo apenas os personagens, a mensagem política, o comentário social.

Para além dessa nova simplicidade (que desanda em um estilo “simplista” vez ou outra), há outros problemas pontuais em *Liberdade*, como o final tão amarradinho e simpático que parece digno de um filme bobo de Hollywood. Pior, no entanto, está a inclusão de capítulos narrados por uma das personagens, Patty, que escreve no mesmo estilo que o narrador onisciente em terceira pessoa do resto do livro. O leitor que passa por esses capítulos narrados pela personagem chega a cogitar se não se revelará, ao final, que foi Patty quem escreveu o livro todo. Só uma reviravolta metalinguística explicaria o fato de que o registro linguístico da

personagem é idêntico ao do narrador. Tal reviravolta não acontece.

Só um tonto descartaria *Liberdade* como mero fenômeno midiático. Franzen pode ter feito melhor no passado (e *As correções* está aí para nos provar isso), mas seu último romance, apesar de ser um dos maiores exemplares de uma Literatura tranquila, sem espaço para a invenção, ainda é muito divertido.

Divertido, sim. “A diversão ainda é uma parte importante da escrita. Quero dar prazer em tudo que escrevo”, conta Franzen, na mesma entrevista da *Paris Review*. E as centenas de páginas de seu romance são compulsivamente legíveis. O livro usa a esperta estratégia dos best-sellers de deixar um gancho no final de cada capítulo e faz com que o leitor se importe com cada um dos personagens construídos.

Quanto aos personagens: mesmo com a linguagem murcha de *Liberdade*, Franzen cria seres humanos com suas palavras. É inegável. Cada um dos membros da família Berglund respira, tem carne, osso, cérebro e sexo. E o autor coloca esses indivíduos em situações-limites, onde seus valores éticos são constantemente testados. Há uma complexa arquitetura de relações familiares em jogo. Ainda assim, nenhuma atitude de seus personagens parece inadequada às suas personalidades. São figuras coerentes do início ao fim, e isso não é uma tarefa nada fácil para um ficcionista.

Tudo seria tão mais fácil, se pudéssemos detestar Jonathan Franzen e descartar seu livro como mais um romance chato de um jovem nova-iorquino bem comportado e de claras intenções políticas. *Liberdade* não aponta novos caminhos, não transgride, não inventa. Porém, no esporte que joga – o do realismo educado – é um atleta de fôlego e talento.

Antônio Xerxenesky é escritor.



ENTREVISTA

Chico Pedrosa

“O cordel é uma coisa santa, uma coisa abençoada”

Em entrevista, o cordelista paraibano, radicado em Pernambuco, lembra dos tempos áureos da literatura típica do Nordeste e analisa os novos autores populares

CHICO LUDERMIR



Texto de **Wellington de Melo**

*“Mercado da Madalena:
cena algo curiosa.
Quem conta aumenta um ponto
Só com dois dedos de prosa
Mas digo: naquela tarde
Juro por Deus, é verdade
Eu virei Chico Pedrosa”*

O fato ocorreu no mês de maio de 2011, no Mercado da Madalena. Não escrevi imediatamente por puro abestalhamento. Dei naquela manhã uma aula que acho que alguns alunos devem ter entendido. Saí apressado para fazer uma entrevista com Chico Pedrosa. Eu, recostado num banquinho do mercado, gravador na mão; diante de mim, um box cheio de

penduricalhos: pentes coloridos, raladores de coco, espelinhos de feira. Me olhei nos espelhos: um rosto que desconhecia, mas que me era estranhamente familiar. Não sei por que diabos comecei a assobiar enquanto esperava. Entendi o que acontecia quando Chico chegou: pareceu-me assustado por alguns instantes. Susto de sertanejo, desses que passam logo. Sentou-se a meu lado e me perguntou: “O senhor é pernambucano ou paraibano”? Olhei mais uma vez nos espelinhos do box. Notei a semelhança: eu não era eu, era Chico Pedrosa moço. O que se segue é a mais pura verdade, juro pela mãe morta de meu pior inimigo. O que se segue, meus amigos e minhas amigas, é o relato da entrevista que Chico Pedrosa fez com Chico Pedrosa.

Tem alguma coisa que você não gosta?

Chico Pedrosa, uma coisa que eu não gosto é de ler cordéis feitos por quem não tem habilidade, por quem não sabe juntar as palavras para fazer as estrofes e nem sabe medir a distância entre uma e outra. Pensam que escrever cordel é rimar, o que nem sempre acontece, porque muitas vezes nem isso eles fazem. Isso me irrita, porque o cordel é uma coisa santa, uma coisa abençoada, uma coisa tradicional que deveria ser mais respeitada. Hoje em dia, nós temos inúmeros cordelistas de primeira linha, de primeira qualidade. Em compensação, temos outra linha que não nasceu para aquilo; deveriam procurar outra coisa para fazer, e não mexer com a poesia popular.



“O ‘poeta do mato’, como dizia Patativa, que me desculpem os da rua, é muito mais autêntico que os da cidade”

“Eles nem rimam nem metrificam e nem dão a oração. E dizem que são cordelistas, quando na verdade, tenha paciência, não são”

Na minha época já existia isso. Sempre existiu, mas agora está mais abundante, está chegando com mais força. Hoje em dia, tem gente que chega para mim: “Chico Pedrosa, pega um cordel que eu escrevi”. Quando vou olhar, só leio a primeira estrofe, não tenho coragem de ler a segunda porque não tem nada a ver, está entendendo? Outro dia, recebi um de um camarada lá de Feira de Santana; é meu amigo. Me entregou um cordel e eu botei no bolso, porque sabia que não tinha nada a ver. Quando cheguei em casa, que fui ler, não deu outra coisa: guardei e deixei lá. Não tem nada a ver com cordel. Vamos respeitar a poesia popular, que é bonita, é santa quando é bem feita, bem dirigida e bem medida, como se diz. Existem três coisas: rima, métrica e oração. Eles nem rimam, nem metrificam e nem dão a oração necessária. E dizem que são cordelistas, quando na verdade, tenha paciência, não são.

Mas tem aquele pessoal que só recita. Nós temos em Caruaru uma menina, Vassula, ela é uma mocinha de seus 14 anos, ela é uma excelente declamadora. Se escreve, eu não conheço nada que foi escrito por ela, ela me perdoe, mas é uma declamadora de primeira qualidade. Em compensação existem bons escritores e bons recitadores. Um por exemplo: o Vinícius Gregório, é formado em advocacia, além de escrever como manda o figurino, declama como ninguém. Não estou nem falando de Antonio Marinho, porque ele é diferenciado. Antonio Marinho faz tudo de

primeira qualidade. Existe Felipe Júnior, outro poeta excelente, tanto escreve como declama bem.

E hoje tem mais abertura pro cordel, tem muito preconceito? Os poetas eruditos, “poetas da rua”, como já dizia Patativa do Assaré, eu os vejo querendo discriminar, está entendendo, mas não chega a tanto. Mas a poesia popular hoje é muito bem aceita, muito conceituada, muito rica. Ela não deixa nada a desejar, apesar de que tem alguns que discriminam. Porque existe o poeta do urbano e o poeta matuto. O “poeta do mato”, como chama Patativa, que me desculpem os da rua, é muito mais autêntico que os da cidade. Os poetas da cidade não veem outra coisa: ferro, cimento, cal, automóvel, lixo, essas bagaceiras. O poeta que nasceu na roça, ele vê e escuta do canto dos passarinhos, os banhos de cachoeira, o trabalho na roça, que é muito da gente mesmo. A estrada, o dia a dia, o amanhecer, o anoitecer. Patativa do Assaré disse: “Poeta, cantô de rua,/ Que na cidade nasceu,/Cante a cidade que é sua,/Que eu canto o sertão que é meu.” Mas, tire uma dúvida, Chico Pedrosa, qual a sua primeira lembrança de poesia?

O meu pai foi cantador, sou filho de poeta. Nossa casa sempre viveu cheia de colegas de meu pai. E eu, na minha meninice, sempre acompanhava meu pai naquelas curtas viagens que ele fazia na vizinhança, nas cantorias à noite. Fui me influenciando com aquilo ali, fui gostando, comecei a

escrever, com uns 14 anos de idade. Comecei a escrever algumas coisas com respeito ao cordel, com pé quebrado, como a maioria, e meu pai disse: “Não, aqui tem que ser assim. Faça como eu faço que você vai bem”. E até que eu cheguei, graças a Deus, a fazer como ele queria. E hoje eu ensino para meus netos lá em Feira de Santana, que já escrevem. Aí eu digo para Pedro Henrique: “Olhe, é para fazer assim, assim e assim”. Ele diz: “Quando eu estiver maior vou viajar com o senhor”. E eu digo: “Muito bem, eu lhe levo para onde você quiser”.

E aquele Sertão do Pajeú? Por que tanta força ali? Naquele Pajeú, principalmente São José do Egito, que é considerada a terra da poesia, ali na Serra do Teixeira, começou a surgir poetas de primeira qualidade, como os Batista, Lourival Batista, e da Serra do Teixeira se espalhou para Itapetim, onde nasceram tantos poetas que conhecemos. Isso a partir do século 18 e cada dia que passa aumenta mais. Ali o cara tem que saber pisar no chão. É o Agreste paraibano e o Pajeú. Aquele Cariri da Paraíba não é brincadeira não.

Eu ainda vou ver grandes rinhas entre repentistas? Briga mesmo, não. Existiam estrofes de um para outro, como Lourival Batista (São José do Egito) cantava para Canhotinho (Taperoá). Canhotinho era preto, analfabeto, e Lourival, cantando com ele uma peça feita, disse: “Veio a princesa Isabel/ e desgraçou meu Brasil!”. Canhotinho pegou na deixa e disse: “Quando era injusto o Brasil,/ Os pretos se cativaram;/ O choro dos filhos brancos,/

As mães pretas consolaram,/ E o leite dos filhos pretos,/ Os filhos brancos mamaram!”. Isso ficou para a história.

E quando é que vai ser o momento mais forte para a poesia popular? Eu me criei lendo, escrevendo e vendendo cordel nas feiras. Hoje eu tenho 75 anos. Em 1954, você tinha 18 anos e já vendia cordel na feira. Só que naquela época, Pernambuco, principalmente o Recife, era um celeiro de poetas, de 58 a 60. Tinha o João Martins de Ataíde, João José da Silva, que tinha uma editora de primeira qualidade no Cais de Santa Rita; José Soares, José Costa Leite, de Condado, até hoje esta lá, Caetano Cosme da Silva e mais uma infinidade de poetas que, além de escrever folhetos, que era como a gente chamava, escreviam romances de 32, 40, 48 páginas como ninguém. Ninguém hoje faz cordéis de 32 páginas; no máximo, 16, a maioria de oito páginas. As histórias eram mais bem contadas. A televisão não existia e o cordel era o jornal do homem do campo. Meu pai saía para as cantorias dele e eu, deitadinho na minha rede. Quando ele chegava, trazia da feira cordéis e jogava na minha rede. Muitas vezes acordei com aquilo.

E nem tinha rádio! E quem tinha rádio, meu filho? Eu sabia lá o que era rádio... E ninguém ouvia falar nisso em 46, 47, 48! Eu morava em Guarabira, num sítio chamado Piripiri. O primeiro cordel que meu pai colocou na minha rede chama-se *A intriga do cachorro com o gato*, que é de um poeta pernambucano lá de Correntes, José Pacheco. Nunca

me esqueci. Ele escreveu também *A chegada de Lampião no inferno* e muitos outros cordéis.

Eu me lembro, eu tinha 12 anos, era 1948. Foi uma alegria para mim! Mas, diga lá, Chico Pedrosa, hoje se vende mais cordel que antes? Vende mais. O Ceará é quem mais produz cordel. Depois vêm Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte. A divulgação, a mídia, ajuda nisso. A Globo está aí mostrando a novela *Cordel encantado*, um enredo bonito. Ninguém nunca pensou nisso acontecer. Eu não duvido que Allan Sales já esteja planejando escrever sobre aquilo, que Allan é um danado pra isso. Sábado, eu venho aqui no mercado e vou conversar com Adelmo, que é professor universitário e também escreve cordel de primeira qualidade, perguntar para ele se já está escrevendo o *Cordel encantado*.

Professor universitário escrevendo cordel? Depois do “forró universitário”, tem o “cordel universitário”? Exatamente, cordel universitário. Fora Adelmo, tem o professor Evilácio, médico e cordelista de primeira qualidade; Zelito Nunes; Felipe Júnior, que é professor, e Ismael Gaião, engenheiro agrônomo.

De primeiro tinha isso, não. O negócio está evoluindo.

E que conselho você me dá, Chico Pedrosa? Chico Pedrosa, leia muito, escreva muito. Respeite o que é certo, respeite as pessoas. Pise no caminho do futuro devagar.

Wellington de Melo é escritor e professor.

ARTIGO

MATHEUS BARBOSA



Anticorpos contra a uniformidade

Fábio Andrade

Tornou-se moda falar na “cadeia produtiva do livro”. Novas expressões ajudam, sem dúvida, a pensar as coisas sob outra luz. Ao pensar, porém, essa “cadeia produtiva”, limitamo-nos a pensar o livro enquanto objeto e mais especificamente (o produtivo sugere isso), enquanto objeto de consumo. É possível, claro, falar do livro como objeto de consumo, pois de fato ele o é. Mas também – e talvez principalmente – ele é outra coisa.

A proposta do projeto Moinhos de Vento, tocado por mim e por Julia Larré, nasceu do desejo de pensar o objeto livro como algo além de sua realidade de objeto de consumo. É possível falar do livro como fetiche, do livro como idiossincrasia (num momento em que a “informação” dispõe de novos e mais convenientes suportes de circulação), mas também como objeto espiritual (da ordem da imaginação, dos afetos, enfim, do “espírito”); e como extensão da própria criação literária. E a tendência, assim me confirmou o Pinpol, editor do site *Cronópios*, num evento organizado pelo Sesc, ano passado, é

de que a informação não precisará mais em breve do suporte livro para ganhar o mundo. Ou seja, a tendência é que a informação em geral abandone o livro e deposite-se definitivamente em nossos computadores, enquanto o livro se transformará num espaço dedicado a coisas muito especiais, que não poderão deixar de exigir uma outra leitura – aquela milenar, que alguns percebem ser algo essencialmente sensorial: cor, textura, cheiro do papel, tipo de letra. Será uma experiência deslocada, renovada sensorialmente pela diferença em relação à leitura nos *tablets*, *kindles* etc. É essa prática

Marco
Polo

MERCADO
EDITORIAL

MARCO

História do Gráfico Amador recebe nova edição, trazendo as imagens de todas as publicações do grupo do Recife

A carioca Verso Brasil está preparando a reedição de *O Gráfico Amador: As origens da moderna tipografia*, de Guilherme Cunha Lima, publicado originalmente pela Editora UFRJ (Rio de Janeiro, 1997). O livro conta a história do grupo que produziu no Recife, de 1954 a 1961, artesanalmente e em pequenas tiragens, livros tão primorosos em sua visualidade que marcaram para sempre a história

da editoração brasileira. Esta nova edição traz, pela primeira vez, imagens de todas as obras produzidas, dado essencial para que se aprecie a importância daquele movimento. O Gráfico Amador era formado por Gastão de Holanda, Aloísio Magalhães, José Laurênio de Melo e Orlando da Costa Ferreira, com participação de Ariano Suassuna (foto) e João Cabral de Melo Neto.

DIVULGAÇÃO



A Editora Moinhos de Vento é reflexo da paixão pelo fazer e, diria mesmo, da paixão punk pelo “faça você mesmo”

que a Moinhos procura abraçar. Uma unidade mais orgânica entre livro, texto e leitura.

Tínhamos tudo o que precisávamos para tocar um projeto como as edições Moinhos de Vento: certo conhecimento de diagramação, a paixão pelo livro como objeto de arte, a experiência de Julia com cores e o artesanato, a nossa com o desenho, nossos cursos de encadernação – ela, primeiro, e eu, depois. Enfim, o projeto foi se esboçando, num certo sentido, de maneira espontânea. Assim, em 2010, resolvemos finalmente materializá-lo, com o lançamento de três volumes: os dois primeiros da série Catavento – *Poeira de Chipre*, livreto de poemas de Felipe Aguiar, e o conto *Arete*, de Cristhiano Aguiar – e o livro de estreia de Julia, o *Noite de véspera*. O desejo era também de dar voz a autores jovens nas quais depositávamos certa confiança, alguns próximos, amigos, de quem conhecíamos o texto, a qualidade de seus projetos literários. Claro que também não nos era estranha a ideia de editar nossos próprios livros – o *Noite de véspera* esteve entre os primeiros lançamentos. Seguiram-se, ainda em 2010, mais dois lançamentos: um no Festival Recifense de Literatura, com mais três títulos: dois novos volumes da série Catavento – o *Ouvir*, poemas de Conrado Falbo, e o *Onde o Homem?*, com contos de Diogo Reis; e a tradução de Everardo Norões para o conto *El barranco*, do escritor peruano José Maria Arguedas, inaugurando a coleção *Cadernos de Tradução*. E outro, durante a *Freeporto*, onde editamos mais dois títulos especiais para a festa: um de narrativas de Cristhiano Aguiar, *Os justos*; e um de poemas da carioca Bruna Beber, o *Rapapés e apupos*.

Para conferir esse estatuto de algo “especial” aos livros que tínhamos a intenção de fazer e para estabelecer mais claramente o caráter de parceria com o autor, determinadas características pouco frequentes entre os livros das grandes, médias e pequenas editoras se tornaram marca da proposta: a assinatura ao final do exemplar, a numeração com carimbo, a pequena tiragem, os lançamentos coletivos. São elementos que desenham aos poucos uma certa identidade e ressaltam igualmente a natureza artesanal da proposta. A isso somamos a produção de cadernos artesanais, sem pauta, já que parte do público que comparece ao

lançamento ou é escritor ou cultiva o desejo de sê-lo. Além dos cadernos, é possível encontrar marcadores de texto diferenciados assinados por Julia; são produtos que agregamos a uma marca: a Moenda Fina. Além de Literatura, fornecemos quitutes para essa confraria estranha que se dedica ainda ao amor pelas letras boiando na superfície do papel, pela escrita e pela leitura literária.

A Moinhos de Vento é reflexo da paixão pelo fazer e, diria mesmo, da paixão pelo “faça você mesmo”, que pode soar algo punk, mas, ao mesmo tempo, é uma paixão sintonizada com um processo de democratização dessa “cadeia produtiva do livro”, para a qual a tecnologia muito tem contribuído. Apenas a tecnologia, porém, não é suficiente – ser capaz de imprimir grandes volumes em sua própria casa e diagramar um livro com um programa que você, com certa dedicação e um pouco de conhecimento, passa a dominar são requisitos necessários, mas não representam tudo. É preciso ter um tipo de sensibilidade específica para o objeto livro ser curioso o suficiente para experimentar novas formas de apresentação dele (lembro que o grande “charme” do *Noite de véspera* é um corte vertical que deixa vaziar a cor vermelha da guarda, arredondado nas pontas por cantoneiras), dedicar-se a aprender processos trabalhosos de costura, alimentar a possibilidade de mesclar formas diferentes de produção como a impressão digital com a tipografia. O mais interessante é que você aprende muito a respeito da cultura do livro, do uso adequado de papéis, enfim. Ser responsável por todo o processo te possibilita encarar o livro de outra maneira. E o principal: é preciso cultivar a própria sensibilidade literária, pois não somos editores fazendo livros, somos escritores que abraçaram a atividade de edição de maneira militante, ou seja, como uma outra forma, além da nossa própria escrita literária, de intervir no cenário atual da Literatura local.

É importante que se perceba que a Moinhos de Vento não é um empreendimento isolado ou singular. Em outras partes do país iniciativas semelhantes despontam como uma forma saudável de circuito clandestino, que não atenda à lógica do “mercado editorial”, mas à liberdade e ao desejo de fazer algo diferenciado, apaixonado, quixotesco. A Arqueria de São Paulo, da poeta Virna Teixeira; as edições Kafka, do Paraná, que hoje já se apresenta de maneira mais profissional; e aqui mesmo, no estado, a Livrinho de Papel Finíssimo, que vai se profissionalizando sem perder sua dimensão de pesquisa gráfica e prática alternativa. Claro que aquilo que essas iniciativas propõem como Literatura varia muito de uma para a outra – o perfil dos autores publicados pela Moinhos, por exemplo, difere bastante dos publicados pela Livrinho. O importante é que todas representam anticorpos, como ilustrou Octavio Paz em seu livro *A outra voz*: defesas contra a uniformidade, contra a lógica do mercado de que as grandes editoras geralmente são reféns.

Fábio Andrade é escritor e responsável pela editora Moinhos de Vento.

EM CASA

Venda de livros porta a porta ganha novo fôlego e cresce

Livros infantis e religiosos representam 50% e 60%, respectivamente, dos exemplares que são vendidos porta a porta. A modalidade, que teve seus dias de ouro no século passado, centrada em enciclopédias, ganha nova força, devendo alcançar 20% do mercado, com um faturamento de cerca de um bilhão de reais, superando inclusive a venda via internet. Livrarias e distribuidoras continuam com primeiro e segundo lugar em vendas.

MULTIDISCIPLINAR

Colóquios na Universidade Federal de Minas Gerais geram livro que debate os conceitos do neologismo letramento

A Editora UFMG acaba de lançar *Cultura escrita e letramento*, organizado por Marildes Marinho e Gilcinei Teodoro Carvalho. O livro reúne textos de debates ocorridos nos dois primeiros *Colóquios sobre Letramento e Cultura Escrita*, realizados na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Para além da simples alfabetização, o neologismo letramento aborda, entre outras, questões sociológicas

e culturais relacionadas com a prática da leitura e da escrita. Os colóquios reuniram pesquisadores de referência nacional e internacional, checando fundamentos teórico-metodológicos da pesquisa e do ensino, numa perspectiva multidisciplinar que envolve a Semiótica Social, a Antropologia, a Etno-História, a Linguística, a Psicologia, a Sociologia e a Educação.

A CEPE – Companhia Editora de Pernambuco informa:

CRITÉRIOS PARA RECEBIMENTO E APRECIÇÃO DE ORIGINAIS PELO CONSELHO EDITORIAL

1. Todos os originais de livros submetidos à CEPE são analisados pelo seu Conselho Editorial, que delibera a partir dos seguintes critérios:
 - Contribuição relevante para Pernambuco;
 - Adequação à missão institucional da CEPE e sintonia com a sua linha editorial, que privilegia obras inéditas, escritas ou traduzidas para o português; que tenham relevância para a cultura pernambucana, nordestina e brasileira, nos seguintes campos do conhecimento humano: científico, técnico, literário e artístico.
2. Para obter a aprovação com vistas à publicação pela CEPE, as obras devem preencher os seguintes requisitos de qualidade:
 - De estilo (correção, clareza, coerência, rigor, coesão e propriedade).
 - De conteúdo (nível apropriado de aprofundamento dos temas, evidência de pesquisa e reflexão, consistência de argumentação e elaboração, originalidade da abordagem).
3. O Conselho Editorial não analisa:
 - Originais incompletos, em progresso ou ainda sujeitos à correção do autor.
 - Livros individuais ou coletivos na condição de projeto. Os textos devem ser entregues com o seu conteúdo pronto, acabado, sem acréscimos nem rasuras.
4. Serão imediatamente desconsiderados e rejeitados originais que atentem contra as declarações de direitos humanos e congêneres, as leis e os dispositivos morais e éticos, nomeadamente os casos de:
 - Violação dos direitos políticos, sociais, econômicos, culturais e ambientais;
 - Que fomentem ou mostrem simpatia pela violência e desrespeito a crianças, idosos, bem como os preconceitos de raça, religião, gênero etc.
5. O Conselho não recebe dissertações ou teses em estado bruto (devem ser feitas as reformulações necessárias de modo a reduzir o excesso de tecnicismos típicos do trabalho acadêmico).
6. As obras, inclusive as coletivas, devem estar corretamente padronizadas e revisadas, de modo a permitir a leitura crítica e análise final da obra.
7. O autor deve enviar à CEPE cópia impressa dos originais em quatro vias.
8. Não são recebidos originais em CD, disquete, e-mail ou qualquer outro formato eletrônico.
9. O comprovante de envio dos originais pelos Correios (AR – Aviso de Recebimento) valerá como protocolo de entrega.
10. Em caso de entrega dos originais na sede da Companhia Editora de Pernambuco – CEPE, o portador deverá se dirigir à secretaria da Presidência, onde assinará o protocolo.
11. Todos os originais são de responsabilidade exclusiva do autor. O Conselho não se ocupa de eventuais perdas ou danos no trajeto de encaminhamento nem devolve os originais recebidos.

Companhia Editora de Pernambuco
Rua Coelho Leite, 530 – CEP: 50100-140
Santo Amaro – Recife – PE.
Informações adicionais pelo telefone:
(81) 3183-2708



CAPA



A assinatura que toda criança lê

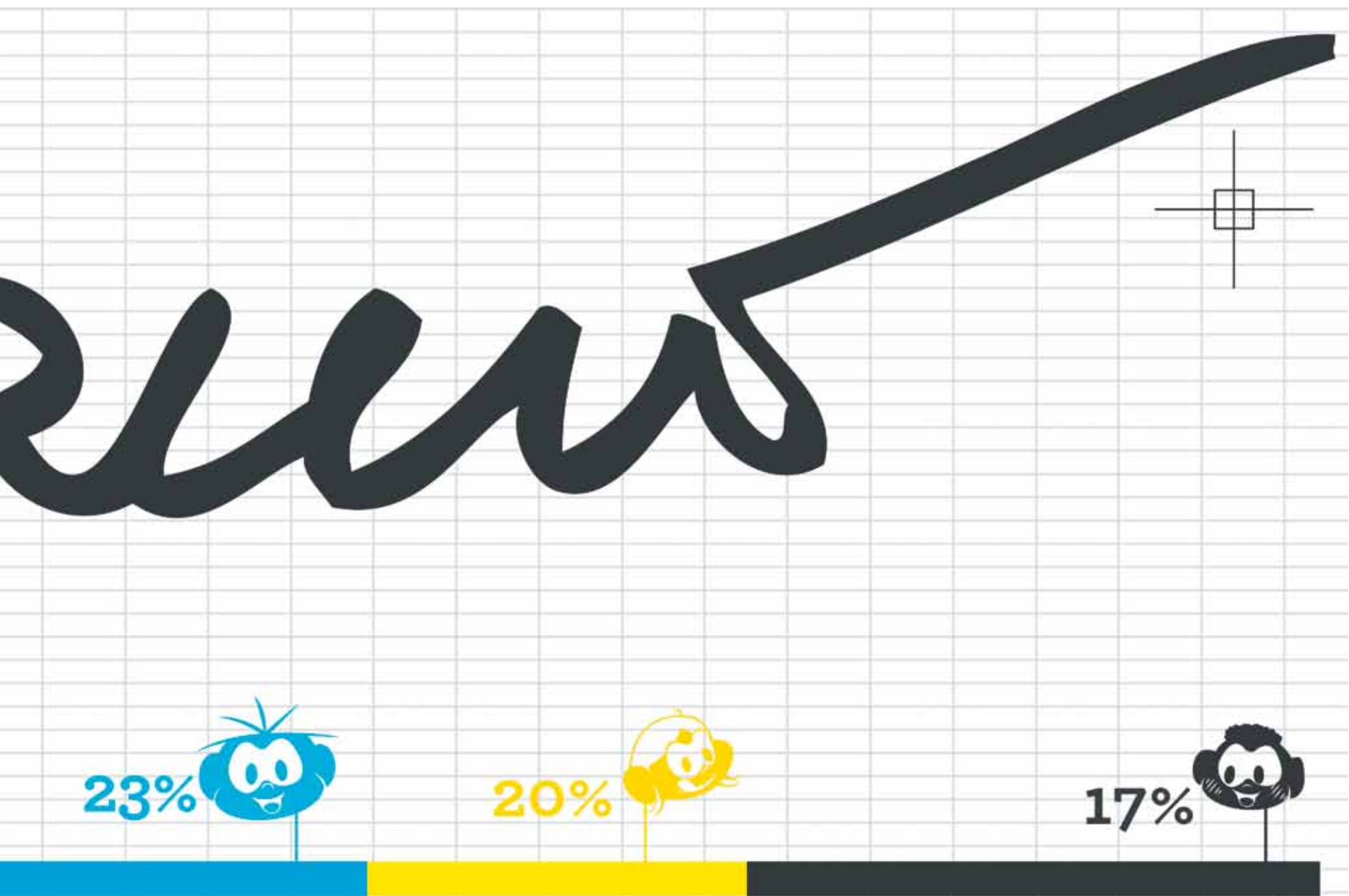
Entenda as regras do estatuto da infância e do adolescente típico de Mauricio de Sousa

Carol Almeida

No fim dos anos 1950, a *Turma da Mônica* nasceu de um autor que, depois de ler a *Luluzinha*, viu uma oportunidade de fazer quadrinhos para crianças e ganhar dinheiro com isso. Em junho de 2009, somente no Brasil, a *Luluzinha* voltou às bancas em uma versão adolescente: *Luluzinha teen* é a nova graça da moça. Curiosamente, essa nova leitura da personagem clássica dos quadrinhos americanos acontecia pouco menos de um ano após um sucesso editorial nacional: a *Turma da Mônica jovem*. Passados mais de 50 anos desde que começou a publicar quadrinhos, Mauricio de Sousa faz o movimento inverso àquele dos tempos de jornalista à caça de novidade. Ele pauta o mercado, aponta certo para as oportunidades e cria novas demandas. Faz tudo isso tendo como linha de frente personagens que, a despeito dos trânsitos infernais, dos condomínios fechados e da violência urbana, nos confortam com esse estado de graça fictício de um bairro do Limoeiro, onde a brincadeira se encerra nela mesma, como se nossa infância pudesse se dar ao luxo de provar somente a cobertura do bolo. E em algumas páginas ela pode.

Para manter o açúcar desse caldo, o autor da poderosa marca da *Turma da Mônica*, presente em diversos produtos licenciados que vão de fraldas de bebê a sacos de maçãs, assumiu recentemente uma nova estratégia de negócios que merece ser observada de perto, e cujo resultado é a reconquista de um mercado que, no começo dos anos 00, parecia querer escorrer pelas suas mãos. O homem que não acentua seu nome paroxítono terminado em ditongo, e tampouco caminha a trilha do Z natural aos Souzas, sabe usar a diferença em benefício da semelhança. Depois de lançar a já citada versão adolescente da *Turma da Mônica*, ele começou a carimbar livros que reconstroem o universo de seus personagens clássicos em histórias que estão ajudando a recriar a *Turma da Mônica* numa versão ainda mais original e igual a ela mesma. Eleito este ano para a Academia Paulista de Letras, o pai dessas crianças imaginárias está retornando ao ponto de partida, e faz isso caminhando agora não apenas pelas bancas de revista, como pelas livrarias. Lançado em 2009 como uma homenagem aos 50 anos de trabalho de Mauricio de Sousa, o projeto

PEDRO MELO



MSP 50 se transformou na menina dos olhos não apenas de seu editor e idealizador, Sidney Gusman, como do próprio Mauricio, que este ano vai lançar o terceiro e último volume do projeto, na Bienal do Rio de Janeiro. A ideia é simples: buscar 50 artistas, conhecidos ou ilustres anônimos, que usem os personagens do extenso universo da *Turma da Mônica* em histórias mais autorais. A notar que o advérbio que precede o autoral é usado como vírgula para o conceito implícito à palavra. Porque ao receber o convite para participar do projeto, cada autor está ciente de que precisa seguir alguns preceitos elementares aos mandamentos morais dos personagens em questão e escutam do editor Sidney Gusman dicas como: “Você vai ter toda liberdade pra criar dentro de alguns parâmetros. Por exemplo, você não pode matar, não pode fazer algo politicamente incorreto, não pode colocar personagens transando, não pode fazer um personagem falar a palavra ‘maldito’ . E, claro, não pode colocar um personagem da *Turma da Mônica* falando ‘eu odeio minha família’”, entre outros tipos de ajustes nesse trabalho que, define Gusman, apenas “apara arestas”.

Quando questionado sobre que valores da *Turma da Mônica* são responsáveis por manter um interesse constante do público infantil em seus personagens (e estamos falando de várias gerações de leitores), o próprio Mauricio de Sousa responde: “São tantos os valores que é melhor começar pelo que não pode. Pelas coisas que devíamos evitar. E são poucas. Primeiro, é preciso ter ética no comportamento dos personagens, por isso não podemos colocar nas histórias de linha vilões irremediáveis. Nós não matamos ninguém. Muito raramente, aqui e ali, em uma ou duas histórias do Chico Bento houve a questão morte. Não colocamos nada que moralmente ou sexualmente possa gerar suscetibilidades. Não mexemos com religiões. E, na medida do possível, tentamos acompanhar o que acontece na sociedade em termos de costumes, hábitos e até modismos. Por exemplo, uma das coisas mais difíceis que enfrentamos nos últimos tempos

Não matarás, não odiarás a família, não usarás no texto a palavra maldito e não serás politicamente incorreto

aqui foi como vamos tratar, ou que palavras vamos usar, para descrever uma pessoa que hoje chamam de portadora de necessidades especiais. Como chamar o negro? É um afro-brasileiro, afrodescendente? Temos que ter cuidados no lado do comportamento e da ética sociais, nas questões étnicas e, na medida do possível, nossas histórias precisam ter um final bem resolvido. De preferência, cômico, alegre, gostosinho. Nós não temos, por exemplo, o que outros grandes estúdios do mundo têm, que é um livrão, com tudo que pode e não pode ser feito. Porque sempre que você escreve essa “bíblia”, vai se esquecer de alguma coisa. Em lugar disso temos uma orientação do que não deve ser feito. Se não esbarrar em violência, conteúdo sexual, religião, tabaco... há um mundo para escrever.”

Maior sucesso da editora Panini na Bienal de Literatura do Rio de Janeiro em 2009 e na Bienal de Literatura de São Paulo em 2010, o projeto MSP 50 vai chegando à sua terceira edição provando que nosso inconsciente apego a esses personagens moldados com características latentes (a gordinha dentuça tempestiva, o menino que fala errado, a gulosa, o sujinho, o caipira) cresce

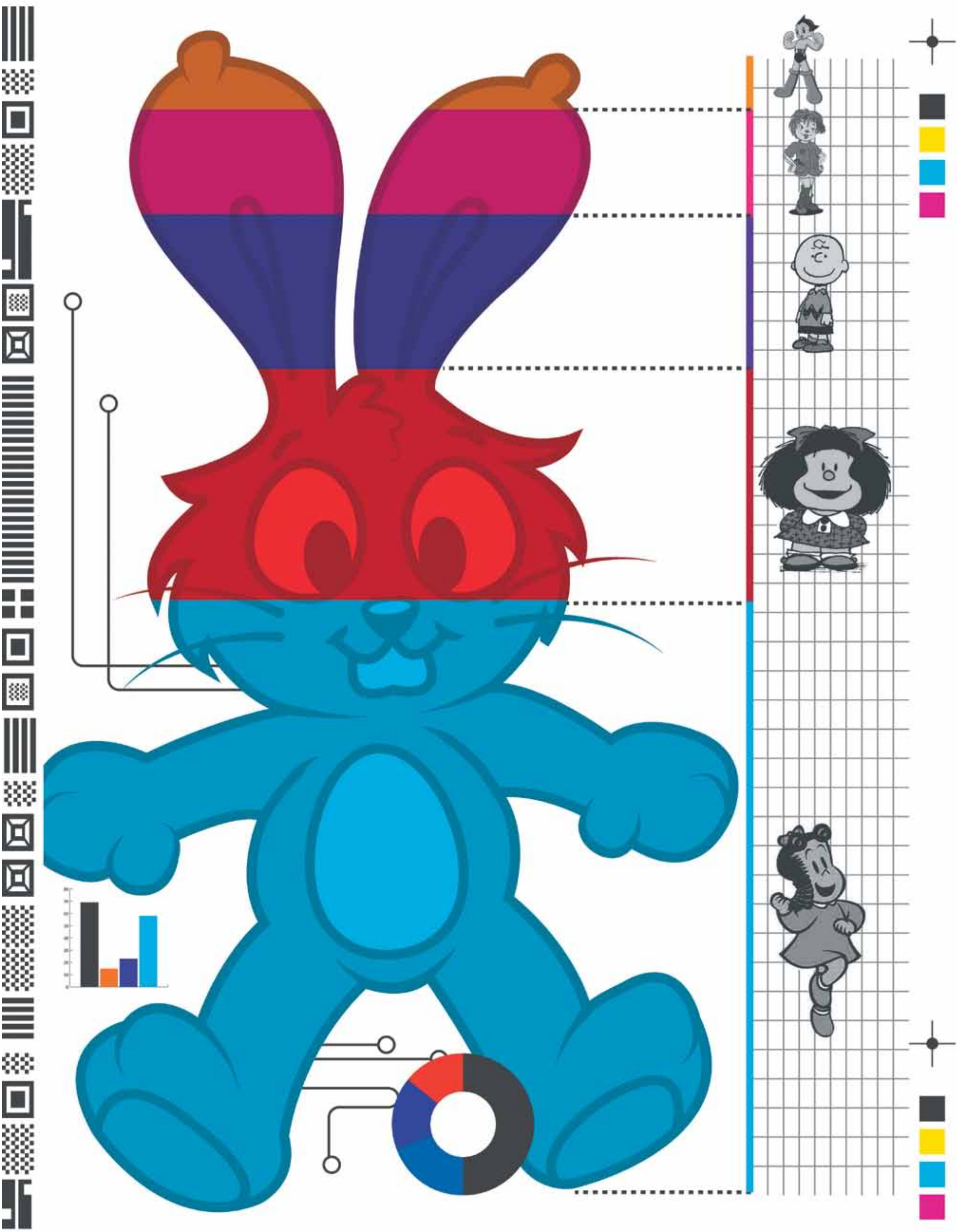
à medida em que reconhecemos nesses elementos simples o extrato da diversão despretensiosa. Nesse universo, os autores que são convidados a desenhar a turminha com seu próprio traço e roteiro acabam por reproduzir quase que organicamente as ideias por trás dos personagens em um dos momentos em que os gibis Mauricio de Sousa mais vendiam no Brasil: fim dos anos 1970 e anos 1980, época em que boa parte desses artistas lia a *Turma da Mônica*. É como se, no traço do outro, aquelas crianças que nos acostumamos a consumir voltassem a ser nossas.

Ora mais velhos, ora menos redondos, ora romantizados, o fato é que nas mãos de quadrinistas e ilustradores que passaram boa parte da infância lendo esses gibis, os personagens dos vários núcleos criados por Mauricio readquiriram a força de fazer derrubar muros com coelhadas. Sem discurso pronto ou informe oficial, as duas primeiras edições do MSP 50, mais a que está por vir, se consolidaram como um ponto de sustentação ideológico de histórias acostumadas a sublimar sua própria ideologia familiar. Quando retomam os personagens da *Turma da Mônica*, muitas vezes adultos, os autores reafirmam os valores que, por trás dos planos infalíveis do Cebolinha, sempre estiveram presentes para criar um certo sentido de amizade quase utópica, mas de fácil e imediata identificação.

Coincidência ou não, o fato é que, depois que a Mauricio de Sousa Produções começou a expandir não apenas seus produtos, mas particularmente seu conteúdo para as livrarias, as revistas de série, tanto da turminha quanto da recente *Turma da Mônica jovem*, só viram suas vendas crescerem. Hoje, somente os gibis dos personagens clássicos estão próximos de atingir o melhor período de Mauricio de Sousa quando da época da Editora Globo: 3,5 milhões de revistas por mês. Não há nada comparável no mercado editorial brasileiro. Em outras palavras, pode-se dizer que, instituição nacional, a *Turma da Mônica* carrega o orgulhoso e informal slogan atribuído a Mauricio por quem costuma o mencionar: “O único que conseguiu ganhar da Disney em algum lugar do mundo”, expressão que se sente como axioma pelos corredores de sua empresa

CAPA

PEDRO MELO



em São Paulo. Sabiamente, quanto questionado sobre alguma latente saudade que venha a sentir, tal como a saudade de alguns ex-leitores da *Turma da Mônica*, Mauricio, voz segura, sossegada e quase didática em seu espaçamento de palavras, diz: “Não tenho saudades de nada porque vivo o meu tempo hoje.”

E seu tempo de hoje está bem agitado para amanhã. Ciente do poder de alcance, tanto em faixa etária quanto particularmente em renovação da marca, Mauricio se cerca de profissionais experientes em um segmento tradicionalmente complicado do mercado editorial brasileiro: a venda de histórias em quadrinhos. Como assessor direto, ele tem agora José Alberto Lovetro, conhecido apenas como Jal, cartunista e cocriador do prêmio HQ Mix (o “Oscar” dos quadrinhos no Brasil) e, no planejamento editorial, chamou o já citado Sidney Gusman, jornalista premiado e especializado em quadrinhos, para assumir aquilo que seria estratégico na renovação de seu conteúdo. Os planos de Gusman não são modestos. Entre aqueles que já pode divulgar, estão os lançamentos previstos para 2012 de *graphic novels* (a roupagem literária que o mercado deu para os quadrinhos) com a *Turma da Mônica*, desenhados por alguns dos artistas que já passaram pelo dois primeiros *MSP 50*, mais a venda de um livro com profissionais da casa assinando roteiros e desenhos pela primeira vez não diretamente supervisionados pelo próprio Mauricio. Mas esses projetos ainda têm sua base fincada nos personagens da casa. O plano do jornalista é, em um futuro não tão distante, transformar o nome Mauricio de Sousa em selo para quadrinhos nacionais com ampla aceitação no lugar onde o valor literário dos quadrinhos sempre existiu: a Europa.

A poucos metros de distância da sala onde esse futuro começa a ser planejado, o “chefe” se mostra sereno. Como quem protege a fórmula da Coca-Cola, Mauricio não fala muito sobre as características prementes de seus personagens e sua realidade e tempo “líricos”, segundo o próprio. Durante a entrevista para o **Pernambuco**, ele pontua que há um caráter universal de histórias e, por isso, consegue vender a ideia da *Turma da Mônica* tanto no Brasil quanto na China, um de seus maiores mercados hoje. “Se você escreve sobre sua rua, escreve sobre o mundo, acho que um escritor russo disse isso”. Sabemos que o artista e empresário se refere diretamente a Leon Tolstói, na clássica “ninguém se torna universal sem escrever sobre sua aldeia”, algo que, aplicado aos gibis da Mônica, Cebolinha, Cascão, Magali e Chico Bento, se configura na manutenção de uma literatura quase minimalista, não por sua economia de palavras, mas pela economia de complexidade que pode facilmente se desdobrar em barreiras linguísticas, comportamentais, morais e, portanto, comerciais. O bairro idílico onde as crianças brincam acima da grama verde e abaixo do céu azul é o marco zero para as emoções mais primitivas de um lugar e época que, mesmo não experimentado por muitos, é sentido como uma zona de conforto e descanso para várias gerações de brasileiros.

Leitor apaixonado de Monteiro Lobato, autor cuja obra foi recentemente avaliada pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) como racista, graças aos valores atribuídos à cor de pele da famosa Tia Anastácia, Mauricio foi ele também alvo de críticas em 2010, num artigo do jornalista e pesquisador Dioclécio Cruz publicado no *Observatório da Imprensa* que conseguiu chamar atenção pelo uso de uma palavra que, segundo

o pai da *Turma da Mônica*, é “palavrão” dentro de sua empresa. Sobre o tal do *bullying*, nova denominação para agressão infantil ao qual o autor do artigo acusa os personagens da turminha de praticarem, Mauricio tem só uma opinião: “Isso é bobagem, besteira, modismo. Devemos ignorar isso e exercitar um pouquinho a sensibilidade pra ver onde há exageros que podem, sim, estar no autor das ofensas. Se está faltando alguma coisa naquele que está agredindo, o problema não está nele, está na família, no meio. É preciso examinar se ele está agressivo porque estão sendo agressivos com ele.”

Cauteloso ao falar das histórias em quadrinhos sob sua guarda, o artista-empresário se protege como pode de algum eventual espinho no caminho. Faz isso ciente de que um de seus maiores mercados é o governo, independente de quem o assume – sim, porque Mauricio de Sousa foi um dos poucos autores nacionais a passar ileso pelo regime militar (ainda que, em algumas tiras, ele tenha feito sutis alfinetadas ao sistema, provocações que passaram despercebidas pelos censores). Vende bastante hoje para escolas públicas e sabe que é corresponsável pela formação de milhares de crianças que ainda o leem. Vive possivelmente um dos momentos mais prolíficos de sua companhia e, ao que tudo indica, tem um longo reinado no mercado editorial de quadrinhos brasileiros. No tempo e espaço líricos e apolíticos de seus personagens, se renova uma identificação com uma ficção que, quanto mais fragmentada nas mãos dos outros, mais consolidada se torna.

Carol Almeida é crítica de Cinema e mestra em Comunicação Social.

Mauricio de Sousa: Como (des)construir o mito?

Mário Cau, Daniel Brandão e Ricardo Manhães foram alguns dos artistas que participaram dos dois primeiros volumes do projeto *MSP 50* (Daniel no primeiro livro, e Mário e Ricardo, no segundo). Nessa entrevista, eles explicam por que decidiram revisitar os personagens clássicos da *Turma da Mônica* os envelhecendo, e com que elementos desses personagens-patrimônio eles conseguem criar identificação.

Como leitor da *Turma da Mônica*, quais os motivos que lhe fazem entender o sucesso desses personagens por tanto tempo?

Mário Cau – A *Turma da Mônica* tem elementos essenciais para uma série: personagens carismáticos e divertidos, histórias com temas e climas variados... E mais que isso, as histórias da *Turma da Mônica* são atemporais. Salvo algumas referências ao contexto da época, você pode ler qualquer HQ da *Turma*, de qualquer época, e ainda assim se divertir. O poder de identificação é grande, também, visto que muitos de nós vivemos coisas que a turminha vive nas HQs. A *Turma da Mônica* fala com todo mundo. E também se adapta à época. Hoje temos personagens que têm blog, que pensam como uma criança atual. Mas preservando aquela... pureza, eu acho, de uma época em que tudo era mais simples.

Daniel Brandão – Os motivos do sucesso dos personagens do Maurício são múltiplos. Eles são universais, têm essências muito bem definidas, são muito humanos e de fácil identificação. Além do mais, depois de tantos anos, o Mauricio não deixou de ter o controle sobre a produção das histórias, já que todos os roteiros passam por sua aprovação. Além do mais, os personagens da *Turma da Mônica* conseguiram se adaptar muito bem às novas gerações.

Ricardo Manhães – Acho que, em primeiro lugar, o Mauricio viveu um pouco do universo que ele retrata com seus personagens, entendendo que seja fundamental ter sido “testemunha” dessa infância típica brasileira, para poder navegar nesse universo com franqueza, e isso é sentido pelo leitor de alguma maneira. Acho também que o Mauricio é um exímio contador de histórias e, por saber brincar com valores tanto brasileiros quanto universais, sempre será sucesso.

Qual dos personagens da *Turma da Mônica* mais lhe interessava enquanto leitor?

Mário Cau – Sempre fui apaixonado pelo Louco. Nas HQs em que ele aparecia, geralmente transbordavam momentos surreais, nonsense, pirados mesmo, e além disso, as piadas. A interação dele com o Cebolinha sempre me divertia. Toda vez que eu pegava um gibi do Cebolinha, torcia pra ter pelo menos uma participação do Louco! O próprio Cebolinha, um eterno “loser”, com seus planos infalíveis, e uma paixonite secreta pela sua “maior inimiga”... Gostava do Horácio, mas só fui entendê-lo mais velho.

Daniel Brandão – O personagem do Maurício que eu mais gostava na infância era o Pelezinho. Sempre gostei muito de futebol e achava essa turminha muito divertida. Dentre o núcleo mais clássico, sou fã do Chico Bento e do Cascão. Eles são muito engraçados! **Ricardo Manhães** – Lembro de ficar curioso com o Cascão, que não gostava de tomar banho, as interações do Cascão nas histórias da *Turma da Mônica* eram sempre interessantes e engraçadas. E também me chamou a atenção o estilo de desenho do cabelo do Cascão, que era diferente dos traços dos outros cabelos da turma.

Quais os valores que você usou dos personagens para imaginá-los mais velhos?

Mário Cau – Eu foco nas pessoas normais, e nos seus dilemas, achei interessante imaginar os personagens mais velhos justamente porque nós, enquanto envelhecemos, vamos perdendo aquela graça, aquela diversão, as cores, de quando éramos crianças. Vejo muitos adultos cinzas por aí. Gente que não percebe a vida como algo maravilhoso. Queria, então, incluindo o elemento fantástico do Louco na história, mostrar que às vezes um pouco de loucura faz bem, não se levar tão a sério e voltar a perceber que, sim, o mundo e a vida têm cores, mas somos nós que, gradativamente vamos esquecendo delas. Fisicamente, eles são jovens adultos normais, com roupas normais etc. Tive um pouco de trabalho em definir o Cebola, já que queria ele com mais cabelo. Optei, depois de uns testes, em fazer uma versão do que ele apresenta na *Turma Jovem*, pra não perder a referência. Cores também foram usadas pra remeter ao clássico, como a camisa verde do Cebola e a roupa vermelha da Mônica.

Daniel Brandão – Procurei manter a essência deles. Também me baseei na fortaleza da amizade entre eles. Escolhi os quatro personagens mais famosos,

com um foco especial na Mônica e na Magali. Para mim, a amizade entre elas é eterna. Sempre achei que havia um amor platônico entre Mônica e o Cebolinha. Por isso, os imaginei casados. A *Turma da Mônica*, apesar de estar firme e forte e ser a leitura predileta da minha filha, por exemplo, para mim representa uma gostosa nostalgia.

Ricardo Manhães – No meu caso, fiz uma adaptação dos personagens do Mauricio em estilo franco-belga de desenho, mais precisamente no estilo da “Era de Ouro” das HQs de humor europeias, com grandes orelhas, nariz redondo e outras características típicas desse estilo de desenho. O fato de tê-los retratado na fase adulta permitiu dar continuidade e trazer para o “hoje” as características dos personagens. Esse truque, digamos assim, permitiu que o Cebolinha devolvesse uma coelhada na Mônica depois de fazer terapia.

Quais foram os primeiros livros e quadrinhos que você leu em sua infância? O que mais lembra deles?

Mário Cau – Eu tinha acesso a muitos gibis, ainda bem! *Turma da Mônica* e livros ilustrados em geral... Mas minhas memórias mais vívidas eram livros ilustrados de personagens Disney. Eram livros quadradinhos, com duas histórias cada, e uma fita-cassete que tinha aquela história narrada e com música. Era lindo. Tinha um livro do Pateta, também, onde ele apostava uma corrida de carros com o Donald, se não me engano, e claro, ele vence como a tartaruga vence a lebre... “devagar e sempre, se chega lá”! Eu assistia a muitos desenhos animados também, e tudo isso me influenciava diretamente. Aprendi a ler numa HQ do *Cebolinha*, com meu pai. Nunca esqueço.

Daniel Brandão – Os primeiros livros que li, ou que minha mãe leu para mim, eram de contos de fada. Os primeiros quadrinhos me marcaram mais. Adorava a *Turma da Mônica* e *Os Trapalhões*. Depois, com nove anos, descobri a *Superaventuras Marvel* e decidi fazer quadrinhos desde então. Os quadrinhos mudaram e salvaram a minha vida.

Ricardo Manhães – Os primeiros gibis com certeza foram os da *Turma da Mônica*, porém com oito anos de idade fui morar na França por quatro anos com meus pais e conheci todo um outro universo de HQs, como o *Tintin*, *Gaston Lagaffe*, *Léonard le Génie*, *Spirou et Fantasio*, que muito influenciaram meu estilo de desenho, assim como minha infância.

ENSAIO

Ainda é possível encontrá-lo pelo Recife

Livro com obra completa
exibe a pluralidade
de Joaquim Cardozo

Thiago Corrêa



O poeta-engenheiro Joaquim Cardozo está entre nós. Como um patrimônio da cultura pernambucana, seu nome foi incorporado ao cotidiano do Recife, batizando o teatro do Centro Cultural Benfica, a biblioteca do Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (CAC-UFPE), uma escola municipal no Bairro da Macaxeira e um centro de estudos em Tejipió. Apesar de ter falecido no dia 4 de novembro de 1978, ainda é possível encontrá-lo na ponte Maurício de Nassau. Ali, em seu silêncio de estátua que integra o Circuito da Poesia, ele responde com um sorriso tímido aos abraços dos turistas que posam para tirar fotos sobre o rio Capibaribe.

Mas, com esse mesmo sorriso contido, ele passa a maior parte do tempo esquecido na murada da ponte. Parada nesse ponto de transição entre o Recife Antigo e o Bairro de Santo Antônio, a estátua de Joaquim Cardozo fixa um olhar distante nas transformações sofridas pela cidade em que nasceu. Virada para a cidade vizinha, a estátua parece recordar os versos “Olinda,/das perspectivas estranhas/Dos imprevisos horizontes/Das ladeiras, dos conventos e do mar”, numa recusa a encarar o que fizeram com a antiga Ponte Giratória na década de 1970 e se assustar com os dois espigões de concreto erguidos na paisagem do Cais de Santa Rita. Uma postura de reprovação contra o progresso de linhas retas que, já em 1924, ele expressava no poema *Recife morto*: “Recife/ Ao clamor desta hora noturna e mágica/ Vejo-te morto, mutilado, grande,/ Pregado à cruz das novas avenidas/ E as mãos longas e verdes/Da madrugada/ Te acariciam”.

O sorridente Joaquim Cardozo modelado pelo artista plástico Demétrio Albuquerque prefere observar os efeitos do tempo através das pessoas e dos veículos que atravessam a Ponte Maurício de Nassau, contente por ainda conviver, em pleno século 21, com pescadores que se debruçam nas muradas ao seu lado para catar siris no fundo do rio. Embora acanhado, o sorriso também comporta as lembranças dos tempos em que o poeta se reunia com amigos ilustres – como o sociólogo Gilberto Freyre, o poeta Ascenso Ferreira, o jovem João Cabral de Melo Neto e os pintores Luís Jardim, Vicente do Rego Monteiro e Cícero Dias – ali perto, no Café Continental, numa esquina da Rua Imperial, próximo à tabacaria Lafayette.

Foi nesse local, na década de 1920, que a fama de intelectual do discreto Cardozo começou a se espalhar. Com domínio de cerca de 15 línguas e antenado com as ideias que estavam sendo produzidas nas artes, o poeta logo conquistou a admiração dos colegas por suas opiniões, bagagem cultural e generosidade por compartilhar seu conhecimento através de livros e revistas de difícil acesso com os mais próximos. Um ato que ele veio a repetir em 1977, quando já tinha 80 anos, doando sua biblioteca com cerca de 75 mil exemplares à Universidade Federal de Pernambuco.

Como uma forma de retribuir esses atos de generosidade, em 1947, os amigos presentearam o poeta com a publicação de *Poemas*, quando ele já havia deixado o Recife e vinha se destacando como engenheiro calculista do arquiteto Oscar Niemeyer. A obra marcou a estreia tardia de Cardozo em livro, que antes só havia publicado em revistas e fora incluído na *Antologia dos poetas brasileiros bissexto contemporâneos*, organizada por Manuel Bandeira. Pesquisadores da obra de Cardozo contam que o poeta tinha o hábito de criar seus versos mentalmente e costumava recitá-los antes mesmo de escrevê-los. A peculiaridade do processo criativo de Cardozo chamou tanto a atenção do poeta João Cabral de Melo Neto, que o autor de *Morte e vida Severina* tentou traduzir o método do amigo em versos em *Um poema sempre se fazendo*: “Assim, não deu trabalho aos prelos:/ se sequer cuida de escrevê-los!/ Se só se alguém lhe pede um poema / reescreve algum que ainda lembra”.

Esse aparente descaso com o registro, contudo, não chega a ser uma irresponsabilidade do poeta-engenheiro. Segundo a pesquisadora Maria da Paz Ribeiro Dantas, apesar da inabilidade do poeta para questões práticas da vida, o costume de Cardozo era uma maneira de ressaltar a importância da oralidade para a poesia. No livro *Joaquim Cardozo - Ensaio biográfico*, a estudiosa observa que o teatro do autor pernambucano foi um prolongamento do seu interesse pela poesia oral, em que ele já vinha explorando o caráter narrativo, os diálogos e o gestual.

Por sorte, essa resistência do poeta-engenheiro foi vencida pela admiração dos seus leitores e grande parte da obra de Joaquim Cardozo continua acessível



graças ao trabalho dos seus amigos em registrar seus poemas. João Cabral de Melo Neto, inclusive, foi um dos maiores responsáveis pela preservação da obra de Cardozo, coletando versões de poemas recitados pelo poeta-engenheiro para depois submetê-los à memória do autor e fixá-los no papel.

COLABORADORES

E foi do mesmo João Cabral de Melo Neto que, já no fim da vida, partiu a ideia de reunir a obra completa do amigo. Com o lançamento de *Joaquim Cardozo - Poesia completa e prosa*, mais de 15 anos depois da motivação original, o poeta-engenheiro tem uma nova oportunidade para deixar de ser apenas um monumento estático e ganhar voz novamente através dos seus versos, críticas, ensaios e contos reunidos no volume.

O livro – publicado em parceria pela editora Nova Aguilar e a pernambucana Massangana, braço editorial da Fundação Joaquim Nabuco – é fruto de dedicação do poeta Everardo Norões, a quem coube a organização do volume. Um trabalho que ele desempenhou em conjunto, com a colaboração de nomes como Marco Lucchesi, Fernando Py, Maria da Paz Ribeiro Dantas, o ex-prefeito do Recife Pelópidas da Silveira e o artista visual Paulo Bruscky. “Chamei todo mundo que tinha alguma ligação com Joaquim Cardozo”, afirma Norões.

O material reunido na edição permite um mergulho no universo criador do poeta-engenheiro. Nas quase 700 páginas do volume, temos acesso ao pensamento e à trajetória de um dos grandes intelectuais brasileiros do século 20, através da sua obra artística que vem agregada a documentos que ajudam a esclarecer momentos da vida de Cardozo. Entre eles está um polêmico discurso feito por ele, na condição de paraninfo da turma de Engenharia de 1939, que resultou na sua

RICARDO MOURA



demissão da Secretaria de Viação e Obras Públicas e, por consequência, na sua mudança para o Rio de Janeiro. Um episódio triste na biografia de Cardozo, mas que acabou se transformando em poesia de João Cabral, em *O exilado indiferente*: “Sequestram–no amiza–des boas,/ às carreiras, para Alagoas/ E, dos Maceiós, num navio/ vem viver federal, no exílio”.

A edição ainda contempla uma série de ensaios concebidos por Cardozo ao longo dos seus 81 anos de vida. Neles, demonstra a pluralidade do seu conhecimento, promovendo análises críticas refinadas a respeito das mais diversas formas de expressão artística. Por meio das observações feitas sobre Literatura, Artes Visuais, Arquitetura e Urbanismo, deixa transparecer seus interesses artísticos e os rumos traçados para a construção de sua poética.

Algo que se complementa com a inclusão da fortuna crítica, onde nomes de peso da cultura nacional (como Antônio Houaiss, Carlos Drummond de Andrade, Gilberto Freyre, João Cabral de Melo Neto, Jorge Amado, Oscar Niemeyer e o crítico Wilson Martins) oferecem caminhos para se entender a dimensão do legado poético de Joaquim Cardozo, considerado um dos poetas mais importantes do século passado. A sua obra adquiriu relevância graças à sua particularidade de “ponte”, de uma visão a meio caminho, pela tensão entre palavras e números, arte e ciência, local e universal.

INDEPENDÊNCIA CRIATIVA

Contemporâneo de uma época em que a Literatura brasileira ainda era simbolista e parnasiana, testemunha das vanguardas europeias, da Semana de Arte Moderna de 1922 e da reação regionalista de Gilberto Freyre ao movimento paulista, Cardozo soube administrar tais influências, reprocessando-as na busca pela cons-

trução de uma voz própria na poesia brasileira. Uma disposição que o poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade atribuiu a “um aparelho severo de pudor, timidez e autocrítica” que o salvou da “passividade que em outros poetas daquela fase excluiria qualquer reivindicação do indivíduo”.

A pesquisadora Moema Selma D’Andrea, no entanto, sugere outra versão para explicar a independência estética do poeta, que não cedeu ao “poema piada, o lirismo irreprimível do consciente e o primitivismo antropofágico” explorado pelos modernistas. Para ela, o fato de a poesia de Cardozo se caracterizar como uma via alternativa do Modernismo, sem cair no Regionalismo, é reflexo da sua posição na sociedade. “Cardozo consegue este ponto de vista alternativo, que pode ter (talvez...) alguma ressonância na sua posição de intelectual de classe média (engenheiro de profissão), apreendendo de outro ângulo a transição do país no projeto nacionalista-modernizador da década de 1920”, aponta a estudiosa no artigo *A via alternativa da modernidade em Cardozo*. Assim, ela observa que o poeta-engenheiro não aderiu por completo ao Regionalismo, porque não lamentava o declínio do latifúndio, nem ao Modernismo, porque não compartilhava do otimismo dos paulistas em sua análise em torno de *Poemas*.

Além desse, o volume *Joaquim Cardozo – Poesia completa* e prosa traz os outros livros que compõem a obra poética do autor pernambucano: *Signo estrelado*, *Trivium*, *Mundos paralelos*, *O interior da matéria*, *Um livro aceso e nove canções sombrias* e mais uma série de versos que foram agrupados na seção *Outros poemas*, incluindo os inéditos poemas caligráficos, nos quais Cardozo buscava aplicar seu conhecimento arquitetônico na poesia. Também foram incluídos os 12 contos escritos para integrar o livro *Água de chincho*.

Numa análise sobre o universo poético de Cardozo, o crítico César Leal estabelece que sua obra pode ser dividida em duas fases. Na primeira, ele aparece tentando se apropriar da linguagem, buscando novas maneiras de enriquecer sua poesia enquanto os horizontes do poeta-engenheiro são mais restritos, mais apegados a cenários e temas do cotidiano pernambucano. “Depois ele foi marchando para o universalismo e, nesse sentido, chega a ultrapassar João Cabral de Melo Neto, que fez sua obra no estreito entre Recife e Espanha. Já Cardozo coloca em versos o universo inteiro; no *Trivium* ele pega o universo para si”, aponta Leal.

O crítico considera o *Trivium* não só a obra-prima de Cardozo, mas uma das três ou quatro expressões máximas da poesia nacional do século 20. A obra, que teve a primeira parte publicada em 1952 e só apareceu concluída em 1971, dentro da edição *Poesias completas*, é um grande tratado sobre a morte, em que o poeta-engenheiro busca entender o fim da vida através do diálogo entre a poesia e a ciência, embasado nos conceitos da Psicanálise de Freud e da Física Quântica sobre o tempo.

O interesse pelo tema parecia um prenúncio ao poeta que, já em idade avançada e famoso na Engenharia por sua contribuição na construção de Brasília, se abateu com a notícia do desabamento do Pavilhão da Gameleira em Minas Gerais (obra cujo projeto era assinado por Niemeyer e fora calculada por Cardozo), resultando na morte de 86 operários. Acusado de ter sido o responsável pelo acidente, Cardozo foi inocentado em 1975, mas o abalo à alma do poeta já estava feito e sua condição de saúde só fez piorar. Até que, no dia 4 de novembro de 1978, ele embarca no trem que subia ao céu.

Thiago Corrêa é jornalista.

ARTIGO

Forma simples de alimentar novos sonhos

Como moradores do Poço da Panela montaram uma biblioteca popular no bairro

Samarone Lima



HALLINA BELTRÃO



Há vários anos, um grupo de amigos que vive no bairro do Poço da Panela, no Recife, vem acalendo um sonho coletivo: abrir uma biblioteca comunitária.

O Poço da Panela ao qual me refiro, uma pequeno sítio histórico no coração do bairro de Casa Forte, não é o das belas e históricas casas, calçadas de pedra, clima bucólico e poético, casamentos pomposos na igreja de Nossa Senhora da Saúde.

O Poço em questão é comunidade ribeirinha, de casas de alvenaria, feitas por pedreiros nascidos e criados ali mesmo, crianças matriculadas em escolas públicas, mas sem acesso a teatro, creche, biblioteca de qualidade e perto de casa, alternativas musicais, eventuais cursos de línguas, experiências estéticas que possam ampliar horizontes.

Com alguns livros publicados, uma boa experiência no mercado editorial, contato com editoras, muitos amigos jornalistas, gente de classe média, pensei que seria uma barbada viabilizar a biblioteca. A tarefa seria de acionar colaboradores, gente que poderia dar uma força, alugar uma casa, conseguir doações e abrir o espaço.

Desde as sucessivas quedas do Santa Cruz Futebol Clube no cenário futebolístico nacional, nunca vivi tantas decepções. Talvez seja mais fácil abrir um frigorífico, um bar, uma farmácia, do que abrir uma biblioteca comunitária.

Por duas vezes, encontramos casas para alugar, uma delas ideal para o nosso sonho, toda pintada, com ventiladores no teto etc. Bastava o dono da casa saber que ela seria destinada a uma biblioteca, para complicar tudo.

“Uma biblioteca? Nem pensar”, era a resposta.

Em janeiro deste ano conseguimos uma casa, e as coisas começaram a mudar. O proprietário, que joga pelada comigo aos domingos, quis cancelar o aluguel, quando soube que seria destinada a uma biblioteca. Após uma longa conversa, finalmente pegamos a chave. É uma ótima e bela casa, por sinal, ao lado do campo de futebol da comunidade, o “Campinho de Seu Abdias”.

Durante três meses, fizemos campanhas, pedimos doações. O gordinho Naná, um dos autores da ideia, circulava pelos ferros-velhos da cidade, em sua Kombi com o escapamento furado, à procura de estantes a preços módicos. Uma arrecadação, via internet, bancou o aluguel. Dia 30 de abril, finalmente, inauguramos.

DAS DOAÇÕES

Uma reportagem na TV Globo ajudou na divulgação do nosso projeto, e rapidamente começaram as doações. Neste momento percebemos que, em se tratando de literatura, a doação é muito mais uma “distribuição do excedente!” do que uma oferta de bons livros. Esse

papo de “democratização do acesso aos livros”, ainda não chegou à maior parte dos bairros menos favorecidos do Recife, onde funcionam, precariamente, nove bibliotecas comunitárias.

Recebemos quantidades imensas de livros didáticos e paradidáticos, que rapidamente ocuparam grande parte do espaço. Tivemos que suspender o recebimento e passamos a pedir simplesmente “dois ou três bons livros” para cada pessoa que desejava nos ajudar, algo como: “trocamos 20 livros didáticos por dois bons romances, dois bons poetas, dois livros infantis que despertem na criança o prazer da leitura”.

Recebemos três TVs quebradas de doação, além de dois computadores que “precisam ser testados”. Em outras palavras, quer dizer, “estão repletos de ferrugem, meus filhos não usam, então vou mandar para a uma biblioteca comunitária”.

A delicadeza nos obriga a convocar nosso coordenador, o gordinho Naná, para que ele vá em sua Kombi buscar as doações.

Mas em nosso sonho literário, temos muitos momentos lindos. No dia da abertura, um sábado de chuva, 75 crianças se inscreveram, e mais de 100 livros foram emprestados. Um amigo veio com seu filho, que levou um de seus livros prediletos, que recebera meses antes.

Ele pegou a dedicatória e a reescreveu, dizendo que a criança que lesse aquele livro também ficaria muito feliz. Depois foi jogar dama com os meninos do Poço.

Quando estávamos comemorando a realização do sonho, no barzinho do campo de Seu Abdias, um menino chegou, animado.

“Ainda dá tempo de pegar livro?”

Informamos que a biblioteca já tinha fechado, só na segunda-feira reabriria.

Ele ficou desolado. Isso é um ótimo sinal.

Hoje, já temos mais de 100 crianças cadastradas, e os pais começam a frequentar o espaço. Aos poucos, a casinha de número 22 na rua Beira Rio, vai se tornando um pequeno e aconchegante espaço cultural no Poço da Panela.

Continuamos nossa campanha por bons livros. Nina se tornou a gerente voluntária da biblioteca. Andréia, sua filha, vai todas as tardes. Uma professora que dava aulas de reforço em sua casa, usa agora a biblioteca para receber seus 10 alunos. Várias pessoas que não são do Poço estão ajudando a pagar as contas. Dora, bibliotecária que mora no bairro, organizou o acervo.

Com a ajuda de todos e “participações especiais” de Carlos Drummond de Andrade, Paulo Mendes Campos, Ferreira Gullar, Dostoiévski, muitos belos livros infantis, estamos alimentando o sonho de formar uma pequena legião de leitores.

Samarone Lima é jornalista e escritor.

QUADRINHOS

DIVULGAÇÃO



Oesterheld, um dos heróis da América Latina

Clássico da HQ argentina resgata história de luta contra a ditadura no país

Paulo Floro

Numa viagem recente à Argentina, dei de cara com um aviso numa das maiores *comic-shops* de Buenos Aires: esgotado o primeiro volume da HQ *El eternauta*. Uma das mais importantes obras dos quadrinhos argentinos tem uma importância que não encontra paralelos no Brasil, no que diz respeito à relevância e reconhecimento. Aplicada em escolas, é a única historieta comprada pelo Ministério da Educação da Argentina. Teve diversas versões editadas desde que foi lançada há mais de 50 anos, várias delas piratas. E seu autor, Hector German Oesterheld, é ainda herói da luta contra a ditadura no País, o que o lançou na clandestinidade e culminou em sua morte na segunda metade da década de 1970. O primeiro volume do quadrinho está previsto para chegar às livrarias brasileiras ainda neste primeiro semestre, pela Martins Fontes, depois de décadas desconhecido por aqui.

Publicada ao longo de dois anos na revista *Hora Cero Semanal*, a partir de 1957, *El Eternauta* relata a invasão de Buenos Aires por forças alienígenas no ano de 1963. Uma neve fluorescente que mata ao contato com a pele abre caminho para a dominação extraterrestre. Os seres conhecidos como “Ellos” nunca são mostrados e executam o ataque e dominação através de mons-

tros conhecidos como Cascarudos, semelhantes a escaravelhos gigantes e os Manos, povo conquistado, que auxilia na dominação da Terra. Tudo é contado por um sobrevivente, Juan Salvo, que entra acidentalmente em uma máquina que o transporta para outras dimensões e épocas, o Eternauta do título. Num exercício de metalinguagem, ele volta para 1959 e conta detalhes sobre o futuro sombrio ao autor da HQ, para que ele possa avisar aos leitores do que estar por vir.

Desenhado por Solano Lopez e, mais tarde, por Alberto Breccia, *El Eternauta* ganhou admiração dos leitores, por mostrar em detalhes locais bastante conhecidos de Buenos Aires e por misturar referências do contexto socio-político da época nas histórias. Ainda que seja interessante apenas no aspecto puramente da aventura, o livro conseguiu uma conjuntura que o tornou relevante para toda uma geração. No roteiro, ainda é possível traçar leituras que identificam os diversos estratos da sociedade argentina do período, representado por Salvo e seus companheiros, que a todo momento lutam por algo que parece impossível de vencer. É quando o autor consegue deixar explícito o real guerreiro da história. “O verdadeiro herói de *El Eternauta* é um herói coletivo, um grupo de homens. Isso reflete, embora sem intenção prévia, as minhas convicções: o único herói válido é o herói ‘em grupo’”, salienta o próprio Oesterheld.

O escritor de quadrinhos argentino Carlos Trillo escreveu em uma das reedições comemorativas da obra: “não é preciso ser um grande caçador de metáforas para associar os Ellos com os militares que tomaram o poder”. Uma segunda versão publicada em 1969, com Breccia, e a segunda parte, em 1976, são mais explícitas na sua proposta de fazer referências ao regime.

No Brasil, a obra nunca chegou a ser publicada. Mas deveria ter sido. Compartilhamos com a Argentina uma história de repressão política. “É difícil dizer o impacto que *El eternauta* terá no Brasil. Acredito que o primeiro apelo seja por meio da história trágica do escritor. Isso tende a atribuir um valor extra à obra”, explica Paulo Ramos, professor do curso de Letras da Universidade Federal de São Paulo e autor de *Bienvenido – Um passeio pelos quadrinhos argentinos*. “É um trabalho muito bem escrito e inovador, e com o diferencial de já dialogar com o leitor adulto no fim da década de 1950”, continua.

Apesar de serem vizinhos, o intercâmbio de influências no universo dos quadrinhos entre Brasil e Argentina é baixo. “Os argentinos têm uma tradição de roteiro muito antiga, ao contrário dos quadrinhistas brasileiros, mais ligados ao humor e terror”, opina o desenhista e escritor Danilo Beyruth, autor de *Bando de dois*. “Apesar de termos muitas similaridades, o mercado de HQ dos dois países é praticamente invisível para ambos”, diz.

Ainda que seja considerado um clássico por sua força narrativa e engenhosidade do roteiro, *El eternauta* tornou-se um espécie de símbolo portenho por estar sempre associado à, já citada, trágica história de seu autor. Filho de pai alemão, Oesterheld trabalhou como jornalista até se firmar como roteirista de HQ em diversas publicações. Opositor da ditadura militar, entrou para a clandestinidade por volta de 1976, na qual continuou seus trabalhos. Na segunda metade da década de 1970 foi sequestrado pelas forças armadas, assim como suas quatro filhas, genros e netos. Alguns pesquisadores acreditam que seu desaparecimento deve-se à biografia em quadrinhos do líder Che Guevara, em que trabalhava e a segunda parte do *El eternauta*, com um conteúdo político mais explícito e panfletário, que assim como não agradou aos críticos irritou ainda mais a ditadura.

Oesterheld deixou legado para gerações de artistas em seu País. Sua morte resultou em diversas homenagens. Uma das primeiras e mais conhecidas veio em 1983, logo após o fim do regime militar. O artista Félix Saborido publicou na revista *Feriado Nacional* uma ilustração que se tornou célebre. Nela, diversos personagens criados pelo autor estão reunidos sob um cartaz que pergunta: *¿Dónde está Oesterheld?*. Descendo o metrô da estação Uruguay, em Buenos Aires, um enorme mural com a versão de Alberto Breccia de *El eternauta* destaca que nossos vizinhos hermanos fazem questão de lembrar de seu herói mais famoso daqueles tempos de luta.

Paulo Floro é jornalista.

História, arquitetura, memórias e literatura em livros de qualidade



Assine.
Revista Continente.
Conteúdo é tudo.
0800 081 1201

e-mail: assinaturas@revistacontinente.com.br



EÇA DE QUEIROZ - AGITADOR NO BRASIL.
Paulo Cavalcanti
(edição em inglês e português)

Eça de Queiroz - agitador no Brasil, de Paulo Cavalcanti, é um livro que amplia a visão da última revolta em Goiânia, província de Pernambuco, Brasil, ao examinar a maneira como os pernambucanos reagiram contra o arbítrio e o domínio português.

R\$ 30,00



O GIRASSOL
Garibaldi Otávio

Garibaldi Otávio estreia na literatura com o livro *O girassol*, coletânea de textos de toda uma vida. Mauro Mota observava, já em 1950, que o poeta de Garibaldi Otávio tem "a imagística sem parentesco, o descritivo mais penetrante, tirando sangue do íntimo das coisas".

R\$ 40,00



ESTÃO TODOS DORMINDO
Edson Nery da Fonseca

Estão todos dormindo é uma coletânea de perfis de personalidades marcantes da cultura brasileira, na qual Edson Nery da Fonseca mescla informações precisas, citações literárias e testemunho pessoal, numa prosa límpida, elegante e envolvente, que transforma o leitor em cúmplice do que narra.

R\$ 30,00



DE RUAS E INTI-NERÁRIOS
Alexandre Furtado

Alexandre Furtado revela que, apesar de jovem, cultivava grande nostalgia de um Recife que não chegou a conhecer, como a época dos bondes e trilhos, ou cujas referências de arquitetura e lugares que conheceu na adolescência, já se perderam.

R\$ 40,00



NAS SOLIDÕES VASTAS E ASSUSTADORAS
Kalina Vanderlei

A historiadora Kalina Vanderlei descreve como surgiu o Sertão, enquanto espaço sociocultural, enfatizando os personagens que participaram dessa conquista, pessoas pobres e eremitas recrutados pela Coroa portuguesa para combater os indígenas que habitavam a região.

R\$ 30,00



UM DIPLOMATA E POLÍTICO DO IMPÉRIO
Fernando da Cruz Gouvêa

Fernando da Cruz Gouvêa apresenta o conselheiro Sérgio Teixeira de Macedo, presidente da província de Pernambuco, que participou de episódios relevantes do Império, defendendo a liberdade de imprensa, os direitos dos cidadãos e o combate ao tráfico negro.

R\$ 30,00



NOS CAMINHOS DO FERRO
Paulo Souto Maior

Paulo Souto Maior destaca o uso do ferro fundido nas construções desde o século 19 e sua popularização após a Revolução Industrial. No Recife, elementos históricos e arquitetônicos identificam edifícios importantes, como o Mercado de São José e outros.

R\$ 58,00



JARDINS DO RECIFE
Aline de Figueirôa Silva

A arquiteta Aline de Figueirôa Silva detalha o surgimento do paisagismo no Brasil, a partir de Burle Marx, e aborda os jardins recifenses do ponto de vista do paisagismo, da arquitetura e do urbanismo, contextualizando-os política e socialmente.

R\$ 35,00



A INTOCÁVEL BELEZA DO FOGO
Geraldino Brasil

Poeta apaixonado pela poesia, humilde, raro e especial, Geraldino Brasil faleceu em 1996, deixando uma vasta produção inédita. Nesta obra, a Cepe Editora o apresenta às novas gerações, publicando 90 poemas, parte dos quais escritos no formato de sextinas.

R\$ 35,00

LANÇAMENTOS RECENTES



ESCRITORES PERNAMBUCANOS DO SÉCULO XX

Lucília Gonçalves Ferreira

Apresenta um resumo da vida e obra de escritores fundamentais na formação da memória cultural de Pernambuco, dos mais conhecidos, como Frei Caneca, a outros quase ignorados, como Antônio Torres Bandeira, que escreveu poemas de inspiração religiosa e homenagem à vulvas heróicas.

R\$ 30,00 (cada)



POEMAS
Daniel Lima

Há meio século Daniel Lima produz uma poesia de qualidade singular, mas que, zelosamente subtrai ao olhar do grande público. Agora seus amigos venceram sua resistência em publicar e seu trabalho e juntaram quatro de seus livros inéditos neste magnífico volume.

R\$ 45,00

Cepe
EDITORA

FAÇA SEU PEDIDO **0800 081 1201** livros@cepe.com.br

MATHEUS BARBOSA

INÉDITOS

Thiago Corrêa



A duração do sorriso

Na foto estou sorrindo, ela também. Era um sábado de Carnaval, estávamos de saída, prestes a subir as ladeiras de Olinda. Ela toda de vermelho e amarelo, eu com chapéu de bobo da corte cheio de guizos nas pontas. É assim que apareço na foto que ganhei dela em um porta-retratos de metal. Hoje ele está enferrujado, empoeirado, perdido no meio de livros e pilhas de papel em cima da minha mesa. Mas a gente continua sorrindo.

Os olhares diretos para a câmera indicam que estávamos desafiando o tempo. Através daquela lente, acreditávamos que nossos sorrisos se reproduziriam nos rostos de um casal de velhinhos, sempre que eles resolvessem folhear a vida. Eles teriam uma legenda para cada imagem do álbum, que, naquela altura, seria escrita com fragmentos perdidos da memória e camadas de remendo criadas pela distância do tempo.

Dessa foto, talvez a gente apenas lembrasse que o sábado era dia de encher a cara na concentração do *Hoje a mangueira entra*, onde os amigos se encontravam debaixo de sol para brindar o início do Carnaval. Pelas cores da roupa dela, também recordaríamos

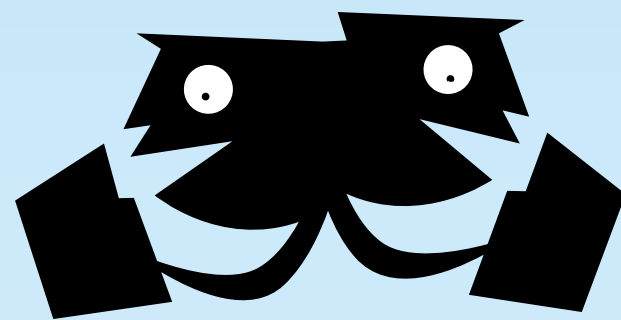
da agonia que era flutuar no meio da multidão na saída do *Eu acho é pouco*, de como era bom beijar escondido embaixo do dragão e do sufoco de subir o trecho da ladeira da Misericórdia – “ai, ai, ai; que ladeira do carai”.

Ou talvez a conversa seguisse para o dia em que nos conhecemos, quando ela apareceu fantasiada de boneca na prévia do *Enquanto isso na Sala de Justiça*. Eu repetiria pela milésima vez que foi ela quem me chamou pro cantinho sob o pretexto de comprar uma cerveja. E ela me daria uma mordida no braço, como fazia toda vez que eu contava minha versão. Eu faria drama dizendo que doeu, que ia ficar a marca, e ela diria que era o castigo por ser mentiroso.

Quando reencontrarmos essa foto, porém, o mais provável é que a gente perceba que os ponteiros afiaram aqueles sorrisos em espinhos e concretizaram nossos olhares em pontes inacabadas. Sinceros naquele instante, mas já tão deslocados quanto fantasias em outras épocas do ano. Porque tudo se revelou um amor de Carnaval, que se estendeu na rotina e fez nossos sorrisos se diluírem em compromissos, desculpas, solidão e saudade.

SOBRE O AUTOR

Thiago Corrêa é jornalista, escritor e faz parte do coletivo Vacatussa vacatussa.com



CONCURSO

Cepe

LITERATURA
INFANTIL
E JUVENIL



32 mil
reais em
prêmios

INSCRIÇÕES:

1º de abril a 30 de junho de 2011

REGULAMENTO DO II CONCURSO CEPE DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL - 2011

1. A participação estará aberta a todos os brasileiros natos e naturalizados, residentes no território nacional. Funcionários da Cepe e seus parentes em primeiro grau não poderão participar.
2. Haverá duas categorias de inscrição:
 - Infantil (destinada ao leitor entre seis e 10 anos)
 - Juvenil (destinada ao leitor entre 11 e 16 anos)
3. Cada participante poderá concorrer nas duas categorias, sem limite para o número de obras inscritas.
4. As inscrições estarão abertas de 1º/04/2011 a 30/06/2011, sendo considerada a data de postagem dos originais nos Correios. Após 30 de junho de 2011, não serão aceitas inscrições.
5. Os originais deverão ser endereçados à Companhia Editora de Pernambuco – Cepe, Rua Coelho Leite, 530, Santo Amaro – Recife – PE – CEP: 50100-140.
6. Os originais deverão ser inéditos e escritos em língua portuguesa. Entende-se por inédito o original não editado e não publicado (parcialmente ou em sua totalidade) em antologias, coletâneas, suplementos literários, jornais, revistas, sites e publicações do gênero.
7. O conteúdo dos originais deverá ser de narrativa de ficção (histórias imaginadas), com 5 (cinco) páginas no mínimo para a categoria infantil e 30 (trinta) páginas no mínimo para a categoria juvenil.
8. A identificação dos originais deverá ser feita por meio de pseudônimo, e todas as cópias deverão ser identificadas somente pelo pseudônimo. Paralelamente, em envelope lacrado e identificado com o pseudônimo, o participante deverá apresentar seus dados pessoais (nome completo, endereço, telefone, e-mail, número de RG e CPF, profissão).
9. O candidato deverá enviar cinco cópias de cada original, obedecendo à seguinte formatação:
 - Word, fonte Times New Roman, corpo 12, espaçamento duplo.
 - Páginas numeradas e impressas em papel carta ou A4, grampeadas ou encadernadas.
10. Poderão ser inscritos originais com ilustrações já inseridas, porém apenas o texto será julgado. Havendo publicação da obra, a diretoria da Cepe poderá optar por ilustrá-la segundo critérios próprios de editoração.
11. Os originais em desacordo com essas normas serão desclassificados.
12. A comissão julgadora, composta de cinco membros, será nomeada pela diretoria da Cepe, sendo formada por especialistas em literatura infanto-juvenil e profissionais das áreas de educação e cultura. A composição do júri será mantida em segredo até a nomeação dos vencedores do concurso.
13. A decisão da comissão é irrevogável. O anúncio do resultado deverá ocorrer no mês de outubro, sendo publicado no Diário Oficial do Estado de Pernambuco e no Portal da Cepe.
14. A festa de premiação do II Concurso Nacional Cepe de Literatura Infantil e Juvenil deverá ocorrer em data a ser fixada após a divulgação dos resultados.
15. O primeiro colocado de cada categoria receberá um prêmio de R\$ 8.000,00 (oito mil reais); o segundo colocado, R\$ 5.000,00 (cinco mil reais) e o terceiro, R\$ 3.000,00 (três mil reais).
16. A Companhia Editora de Pernambuco – Cepe terá exclusividade na edição das obras vencedoras. Poderá, também, manifestar interesse pela edição de trabalhos não premiados no concurso. Assim, durante o prazo de 10 meses, a contar da data de divulgação dos resultados do concurso, poderá haver contato com os autores de obras recomendadas pela comissão, visando adquirir os direitos de publicação.
17. Os originais e demais documentos entregues à Cepe não serão devolvidos.
18. A apresentação de originais para participar do II Concurso Nacional Cepe de Literatura Infantil e Juvenil implica no total acordo às normas aqui expressas.

MAIS INFORMAÇÕES:

www.cepe.com.br

Companhia Editora de Pernambuco – Cepe

Rua Coelho Leite, 530 Santo Amaro – Recife – PE CEP: 50100-140

Fones: (81) 3183.2700 / 0800.0811201

RESENHAS

HALLINA BELTRÃO



Para “ler” a vida de Pessoa, é preciso ler a obra

Biografia nos oferece o que havia de fascinante por trás desse discreto senhor de bigodinho

Schneider Carpeggiani

Estava à procura de um guia de viagens para Lisboa e justamente o título que havia decidido folhear na livraria trazia um “pedido de desculpas” (uma provocação?) na introdução. O texto ressaltava que, apesar do histórico caráter desbravador do povo português, esta não é uma cidade cosmopolita, com coloridas atrações 24 horas, tal e qual Londres ou Berlim. Conflitos e crises econômicas teriam pisoteado o orgulho lisboeta e transformado seu território num lugar ensimesmado e de prazeres clandestinos. Não pude evitar de questionar como um guia descumpre, logo de cara, seu papel de seduzir turistas.

A tal advertência bem poderia implicar numa questão curiosa: se a máxima do turismo exige paradas que abarquem o maior número de culturas e referências por metro quadrado, o pecado de Lisboa seria não oferecer tal visão panorâmica do mundo, e sim seu velho

reflexo reincidindo cheiro de sardinhas e saudades.

Essa história me trouxe à lembrança uma das muitas entrevistas que fiz com o biógrafo José Paulo Cavalcanti Filho, durante seu percurso de desentranhar os pormenores de Fernando Pessoa, que resultou em *Fernando Pessoa: Uma quase autobiografia*. “Esse sujeito teve uma vida desinteressante, que pouco se movimentou para fora do seu metro quadrado de sempre”, assim definiu seu objeto de estudo, sem medo de lançar para si um slogan pouco mercadológico. Mas por que um biógrafo dedicaria anos e anos a entender um objeto de estudo de trajetória tão pouco espetacular?

No caso de José Paulo, a dedicação foi impressionante: ele invadiu prédios públicos, tentou a exumação do cadáver de Mario Sá Carneiro, na esperança de encontrar sua correspondência com Pessoa, “cruzou” com o fantasma do poeta pelo

Chiado e se infiltrou no estranho mundo dos leilões literários. Se a vida de Pessoa não foi lá muito interessante, a sua, ao menos, se tornou durante a pesquisa.

A definição de José Paulo é fruto da percepção de um leitor atento (ou obcecado, para fugirmos de eufemismos), que nos aponta que Pessoa não tinha outra vida senão na sua obra. É nela que verte toda sua emoção, todo o seu sentimento, toda a sua diligência. Antes de “ler” a vida de um escritor, é preciso ler sua obra, deixa como lição o biógrafo.

Assim, acerta ao fundir seu texto com as palavras de Pessoa, numa curiosa simbiose de informações/percepções. Teria o poeta feito da sua literatura um enorme quebra-cabeça, à espera de alguém paciente a ponto de unir todas suas minúsculas peças? É o que tal estratégia estilística nos faz pensar. Sem receio de polêmicas, oferece nova versão para a causa da morte do Pessoa, afirma que ele foi apaixonado por

Ophélia Queiroz, resalta as suas picuinhas nada lisonjeiras com o Brasil e, finalmente, nos contamina com o desejo de (re)ler seus escritos. Pessoa pode até ter vivido sem grandes sobressaltos, mas o percurso que José Paulo nos oferece faz emergir o que havia de fascinante por trás desse discreto senhor de bigodinho, tão ensimesmado quanto sua Lisboa da vida inteira.



BIOGRAFIA

Fernando Pessoa, uma quase autobiografia
Autora – Jose Paulo Cavalcanti Filho
Editora – Record
Preço – R\$ 67
Páginas – 96

Mariza
Pontes

NOTAS
DE RODAPÉ

RASCUNHO DIGITAL

Site do jornal curitibano dedicado à literatura é reconhecido pelo ótimo conteúdo ganha atualização

São poucos os jornais dedicados à literatura, no Brasil. Além do nosso **Pernambuco**, um outro é o ótimo *Rascunho*, de Curitiba, cujo site www.rascunho.com.br acaba de ganhar atualização. Criado em 2000 pelo jornalista Rogério Pereira, o jornal impresso tem 32 páginas, tiragem mensal de 13 mil exemplares e distribuição nacional. Publica ensaios, resenhas, entrevistas, poesias, crônicas e textos de

ficção (contos e trechos de romances) e ilustrações. Entre seus colunistas fixos, estão autores como Affonso Romano de Sant’Anna, José Castello, Claudia Lage, Luiz Brás e o pernambucano Fernando Monteiro. Rogério Pereira também edita o site *Vida breve*, onde posta crônicas, sempre com ilustrações. Uma delas é *O daltônico e o tênis azul*, ilustrada por Ramon Muniz (imagem).

DIVULGAÇÃO



DIVULGAÇÃO



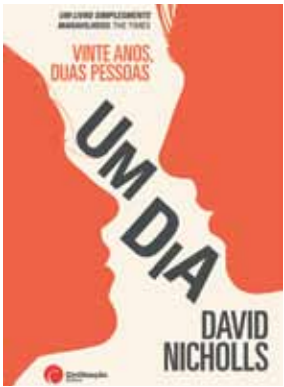
Literatura pop revista

Foram necessários quase dois anos e 35 idiomas até que *Um dia* (no original *One day*), o estimado romance do autor britânico David Nicholls, ganhasse uma versão em português. O autor de 45 anos, cujo último livro figura desde 2009 entre os mais vendidos nos EUA e na Inglaterra, faz parte de uma geração que inseriu as drogas e a música pop na literatura.

Por mais que essa duplinha sempre soasse indissociável, foi dos anos 1990 para cá que a literatura consolidou uma tabelinha certa com o par, em clássicos como o vertiginoso *Trainspotting*, (1993, do escocês Irvine Welsh) e o cômico *Alta fidelidade* (1995, do inglês Nick Hornby). Ambos ganharam versões cinematográficas (respectivamente pelas mãos de Danny Boyle e Stephen Frears) com aura *cult*.

A sacada de *Um dia*, um romance melifluo sobre

um casal inusitado, é ser menos “químico” do que *Trainspotting* e menos pop do que *Alta fidelidade*. Nicholls supre essa carência habilmente, com altas doses de humor. O livro, que ganhou excelentes críticas, está “destinado a ser um clássico moderno”, segundo o *Daily Mirror*. **(Thiago Lins)**



ROMANCE

Um dia
Autor - David Nicholls
Editora - Intrínseca
Preço - R\$ 39,90
Páginas - 416

REPRODUÇÃO

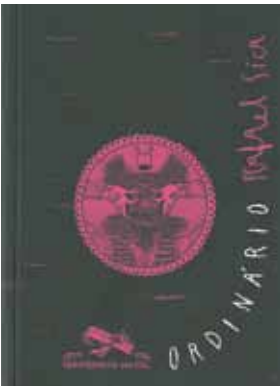


Anormalidade cotidiana

Nem sempre são necessárias palavras, mesmo em uma linguagem que as usa em abundância. Contar sem enunciar é o caminho que consolidou Rafael Sica como um dos nomes mais inventivos e interessantes da tiras nacionais. Fora do circuito da grande imprensa, o gaúcho reuniu em *Ordinário* uma seleção dos trabalhos publicados no seu blog homônimo. Quem acompanha os registros da página vê a evolução que resultou no Sica maduro desta obra. Assim, nas narrativas curtas, o autor nos mostra cotidianos estranhos, solitários e paranoicos perpassados pelo silêncio e por uma nem sempre sutil crítica ao homem e à vida contemporâneos. Nelas, o grotesco é o mais humano, e a normalidade só aparece para ser desconstruída.

Nesse ambiente kafkiano, em que nós aceitamos a estranheza

como se ela fosse nossa, o gaúcho mostra tanto sua habilidade narrativa como sua capacidade e versatilidade no traço. Sica foge do humor convencional de tiras e cartuns, mas não o nega: o engraçado existe, mas apenas ao lado do melancólico, do sombrio e do misterioso. **(Diogo Guedes)**



QUADRINHOS

Ordinário
Autor - Rafael Sica
Editores - Quadrinhos na Cia
Preço - R\$29
Páginas - 128

PRATELEIRA

A MULHER DE VERMELHO E BRANCO

O autor revive o personagem do seu romance de estreia, um terapeuta às voltas com uma estranha paciente. O enredo cheio de suspense une a investigação psicanalítica e policial, conduzindo o leitor por caminhos surpreendentes, onde não faltam um casamento em crise, uma organização suspeita de terrorismo, um assassinato e uma história familiar de vingança. No meio de tudo, ainda há lugar para reflexões sobre identidades individuais de ordem étnica, religiosa, ideológica e sexual e a impossibilidade de estabelecer uma versão definitiva dos fatos.



Autor: Contardo Calligaris
Editora: Cia das Letras
Páginas: 208
Preço: R\$ 39

AO SOL DO NOVO MUNDO

Quando a esquadra de Cabral retorna à Europa, ficam no Brasil dois jovens grumetes, encantados com a liberdade que tinham encontrado na nova terra, eles são adotados por uma tribo indígena. A adaptação a novos costumes, a chegada dos portugueses ao Brasil e o processo de aculturação de indígenas e brancos são os temas retratados no livro dedicado ao público juvenil, ilustrado



por Wilson Jorge Filho e inspirado na famosa carta de Pero Vaz de Caminha.

Autor: Edy Lima
Editora: Ática
Páginas: 64
Preço: R\$ 29,90

LIVROS & TELAS

A obra resulta do trabalho do Grupo de Pesquisa do Letramento Literário da UFMG. Promove reflexões sobre a revolução digital e discute o futuro do livro na era digital, as relações estabelecidas pelos leitores com o livro e suas diferentes telas, e o paradoxo entre a democratização da informação através da internet e a exclusão das pessoas que não têm acesso ao meio. Além dos pesquisadores brasileiros, vários estrangeiros colaboram.



Organizadores: Aracy A. Martins, Zélia Versiani, Graça Paulino, Celia Abicalil
Editora: UFMG
Páginas: 261
Preço: R\$ 52

JOGO DE PODER

Biografia da ex-agente da CIA, que inspirou o filme homônimo. Valerie e o marido, ex-embaixador Joe Wilson, foram perseguidos pelo governo americano após descobrirem que o Iraque não tinha um programa de proliferação de armas nucleares de porte, como foi apregoadado contra Saddam. O livro foi publicado depois uma longa batalha judicial com a CIA, que censurou vários trechos, mantidos pela editora com a identificação de tarja preta.



Autora: Valerie Plame Wilson
Editora: Seoman
Páginas: 440
Preço: R\$ 39,90

HORA DO ALMOÇO

Cinema ao meio-dia é opção de lazer no Recife

A opção pelo horário do almoço conquista o público cinéfilo, que tem comparecido às sessões do *Cineclube Curta Doze e Meia*, no Centro Cultural Correios, no Recife Antigo, dirigido pelo escritor, poeta e cineasta Rosenberg Cariry. A iniciativa tem apoio de cineclubistas de Pernambuco e do Coletivo NegoBom. As sessões são na segunda e última quinta-feira de cada mês.

FOMENTO

Prêmio Vívaleitura inscreve projetos até 20 de julho

O maior prêmio individual brasileiro de incentivo à leitura recebe projetos até 20 de julho. Comemorando cinco anos, o *Vívaleitura* premia com R\$ 30 mil os vencedores de cada categoria. O objetivo é estimular e reconhecer as melhores experiências de fomento nesta área. A iniciativa é dos ministérios da Educação e Cultura, com apoio da Fundação Santillana. O regulamento está no site www.premiovivaleitura.org.br.

BOLONHA

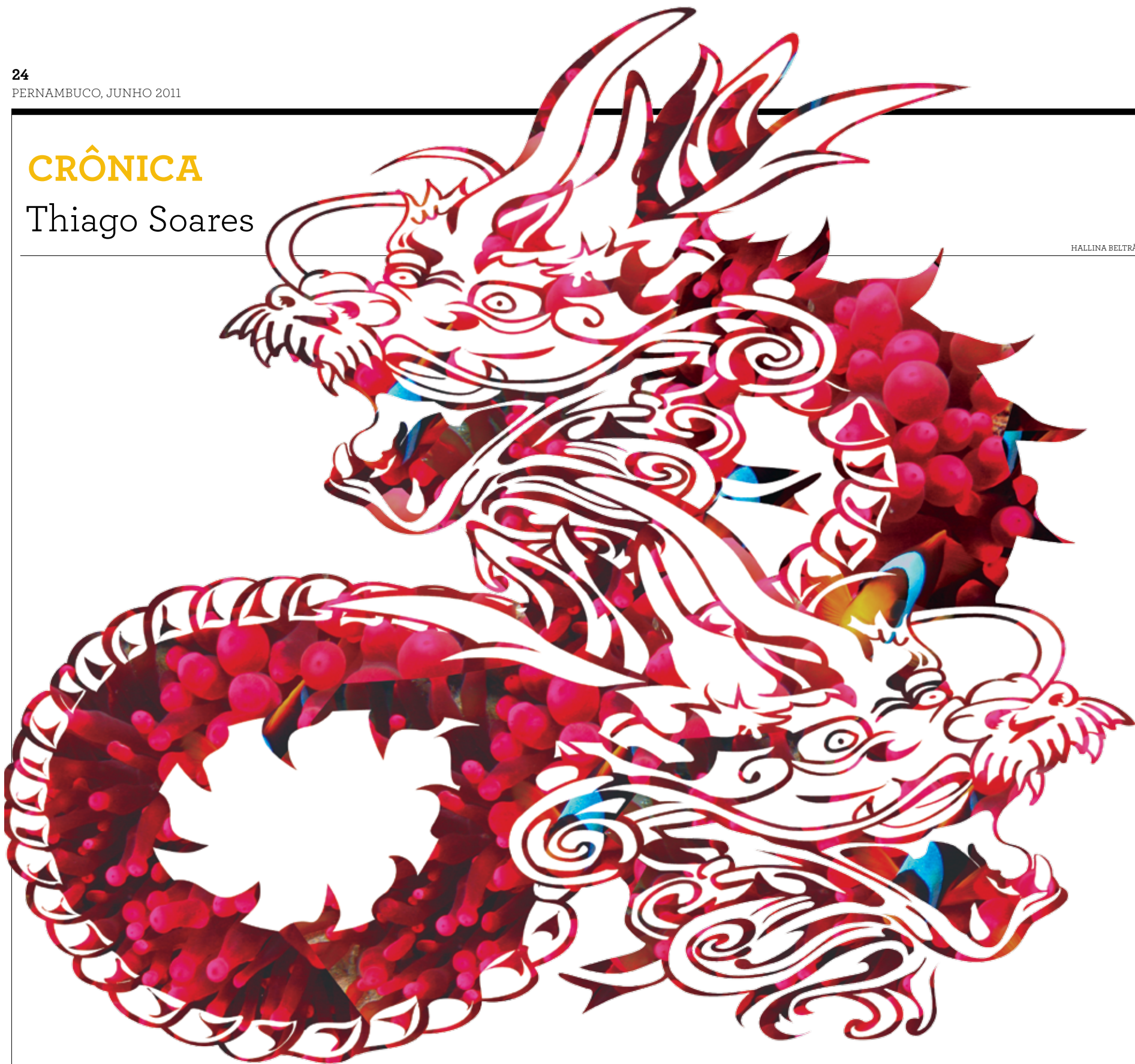
Literatura nacional homenageada em feira

O crescente interesse pela literatura brasileira infantil-juvenil justifica a homenagem que o país vai receber na *Feira do Livro de Bolonha* de 2014, repetindo o feito de 1994, quando o Brasil participou com uma delegação de 45 editores, que discutiram sobre os destinos do livro digital. Os negócios realizados nos 12 meses seguintes foram de cerca de 100 mil dólares.

CRÔNICA

Thiago Soares

HALLINA BELTRÃO



No dia em que Caio F. morreu

No dia em que Caio Fernando Abreu morreu, esqueci de colocar o despertador para acordar, sempre isso, atraso, alguma correria, um despertar sem jeito, apressado, um susto. Chão de cerâmica frio, pisei tateando o dia, o despertar seco de um fevereiro sem Carnaval. Corri para pegar o carro, ir para a faculdade, aula de Filosofia, mas antes tinha ela, a educação física, e eu pensei algo como “mente sã, corpo são”, uma certa raiva de forçarem a gente a fazer exercícios àquela hora da manhã, mas não havia tempo para questionar, um, dois, um, dois, segura o abdômem, segue fazendo, sim, você consegue, vai, vai, não fui. Talvez me animasse com uma partida de vôlei ao final, mas o corpo doía das flexões e, na hora do salto, a queda – que queda. Feriu? Feriu? Uns arranhões somente, passa merthiolate, tem mercúrio?, mercúrio cromo, band-aid, band-aid. Sangrou, mas, como tudo que arranha, sangra pouco, só arde. Assopra que passa. E mal cheguei na cantina para almoçar já tinha a casquinha da ferida se formando. Me orgulhei das defesas do meu corpo, tantos anticorpos, glóbulos vermelhos espartanos, armados até os dentes, ninguém passa, nenhuma dor, nenhuma perda. E mal acabei de almoçar, a ferida ali, toda-toda, a ferida, assim, me dizendo “me esquece”, e Tiago aparece. Eu tropeço, me segura senão eu caio, Carol me segurou, mas magoou a ferida, de leve, roçou num canto de parede, aquela camada de casca sobrou, assopra, assopra, e Fabíola assoprou, ninguém sabia, mas foi tudo culpa de Tiago,

esse tropeço, esse empurrão, e chegaria o dia em que, sem muletas, eu iria encostar Tiago num canto escuro e dizer que nem Neusa Suely, “bate, mas bate legal”, com a voz rouca de Vera Fischer naquela adaptação xinfrim de Plínio Marcos feita pelo picareta do Neville D’Almeida. Aula de Filosofia mancando, mas o texto era da Marilena Chauí e, nessa época, eu pouco me importava se a Marilena Chauí era de direita, de esquerda, se era lulista, FHCista, o escambau, eu queria ouvir Bethânia dizer que eu-tenho-esse-jeito-meio-estúpido-de-ser-e-de-dizer-coisas-que-podem- magoar-e-ofender e ir para casa escrever algumas coisas para Tiago e dançar até amanhecer no Boato aquela música que dizia *but I’m here to remind you of the mess you left when you went away*, raivosa, e entrar na pista vazia do Guitarra’s ao som de *Wonderwall* para ver se, do nada, do nada, você aparecia e *maybe you’re the one that saves me*. E você sempre aparecia. Do nada. Do nada. Com ela. E tinha a coisa de me vangloriar que eu passava a noite inteira e gastava R\$ 10, só na Coca, na água, para não me embriagar e perder de te ver. E foi Fabíola quem me disse “Caio morreu”, assim, seco, sem preparar terreno nem nada, o morango mofou, o dragão finalmente foi conhecer o paraíso, uma pequena – grande – epifania. Era o fim. Ou o começo. Porque a pressa do começo do dia tinha me feito esquecer. 25 de fevereiro, hoje, é o aniversário do meu pai. E Caio no Menino Deus, vazequando gente, vazequ岸to alma, indo embora, lá em casa, bolo, coxinha, strogonoff de carne, arroz branco, batata palha,

meu pai, 57 anos, descobriu uma doença na coluna, era o primeiro aniversário dele sentado. Sentado hoje e para sempre. Muitas felicidades, muitos anos de vida. Sentado, deitado. Ver meu pai naquela cadeira automóvel-conversível diante da vela, diante do bolo, só me lembrava Caio Fernando jardineiro, dizendo que “girassol quando abre em flor, geralmente despenca. O talo é frágil demais para a própria flor”. Mas girassol não se entrega. E a espada que o jardineiro coloca para segurar a flor do girassol é essa cadeira-muleta que leva meu pai, esse nascido sob o signo de Peixes, para um lugar em que a palavra que deve aparecer é “durar”. E diante daquele bolo, diante da doença que faz meu pai, a cada dia, esquecer um pouco de mim, eu lembrei que “não se deve decretar a morte de um girassol antes do tempo, compreendeu?”. Foi depois de meu pai, com algum esforço, cortar o pedaço do bolo e dar o primeiro pedaço à minha mãe, que lembrei daquela frase de Henry Miller e que, me parece, era tudo o que Caio parecia dizer ao pai dele, naquele dia, 25 de fevereiro, em que, depois de tantos suores, tantos medos, tantos agostos secos, Porto Alegre cinza, depois de ser um estranho estrangeiro e de inventariar essa coisa chamada Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, essa Síndrome do Irremediável Abandono, Síndrome da Ineficiência do Afeto, Síndrome do Inefável Acanhamento, finalmente, num sopro de vida, Caio Fernando dizia, citando Henry Miller: “Agora eu nunca estou sozinho, na pior das hipóteses estou com Deus!”.

SOBRE O AUTOR

Thiago Soares é professor da UFPB e autor da dissertação *Loucura, chiclete & som: A prosa-videoclipe de Caio Fernando Abreu*